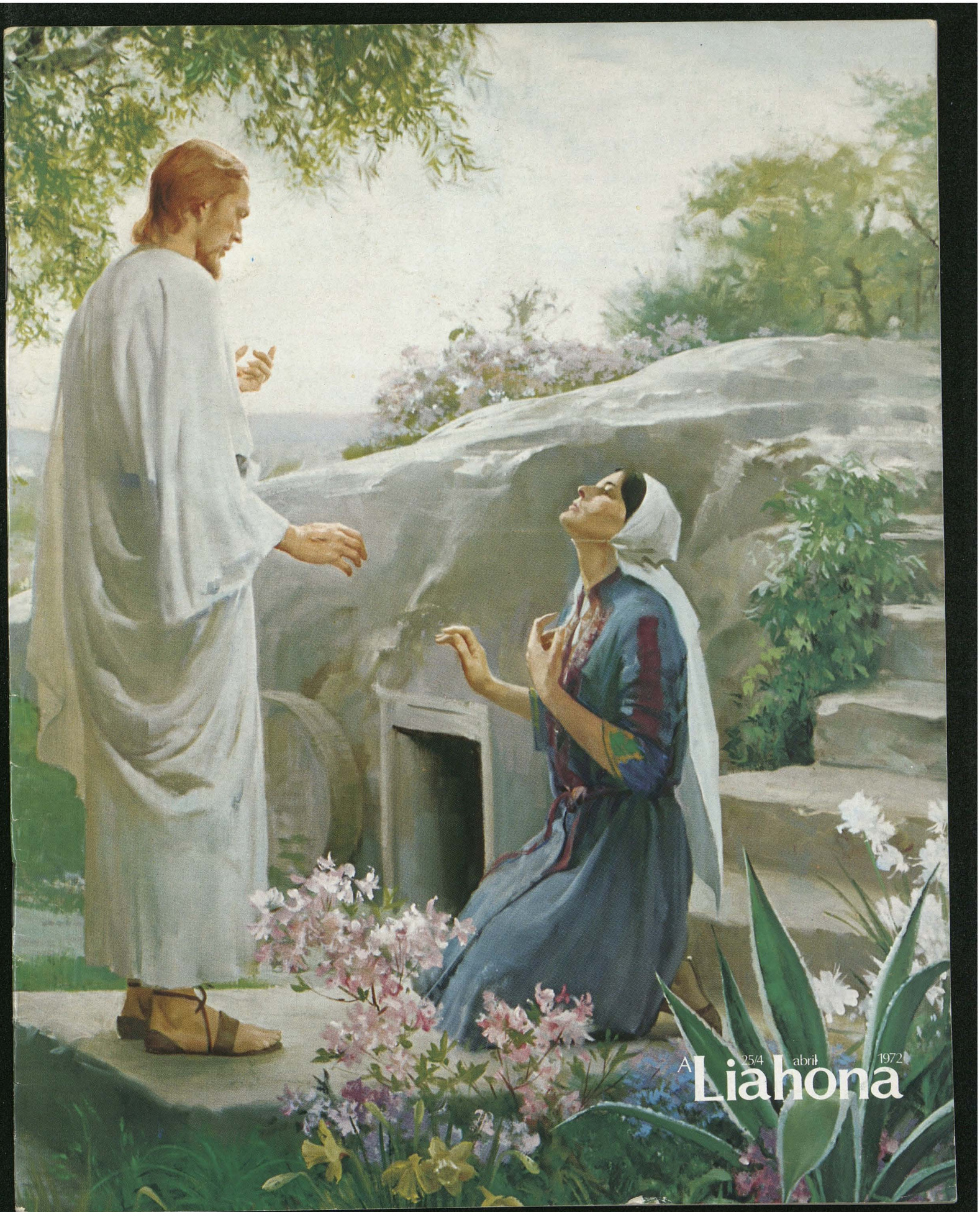
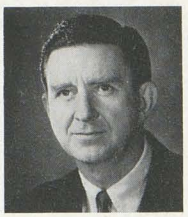


A Liahona 25/4 abril 1972

MENSAGEM DE INSPIRAÇÃO



Marion D. Hanks

Assistente do Conselho dos Doze

Todo e qualquer empenho da Igreja tem o propósito de vincular os filhos de Deus à sua comunidade e reino, de abençoar o indivíduo com o conhecimento de sua origem e herança, dar-lhe um senso de seu propósito e um plano para poder cumpri-lo, e a visão de seu potencial eterno. Ela visa a fortalecer e qualificar os filhos de Deus na aplicação de princípios eternos — aprender e servir, crescer e dar. Existe, para ajudá-lo a enfrentar os problemas prementes, causticantes do momento, com gratidão pelo relacionamento com Deus e a grande maravilha de ser sensível à riqueza da vida; de poder reverenciar a Deus, que dele demanda e espera algo importante.

O objetivo supremo, então, não é contar as ovelhas, mas alimentá-las; não é a proliferação de construções ou unidades ou organizações ou estatísticas, mas abençoar o filho individual de Deus.

Sabemos que Cristo sentia profundo interesse pelos seres humanos, fossem quem fossem, e lhes devotava um grande amor. Andava com criancinhas, buscava o pecador, convocou seus seguidores dentre os ocupantes de barcos de pesca e lançadores de impostos. Possuía tal percepção do indivíduo, que, em meio à multidão, sentiu a mulher tocar suas vestes. Imortalizou numa magnífica parábola à consideração abnegada do desprezado samaritano para com outro ser humano em necessidade. Deixou abrigadas as noventa e nove e saiu à procura daquela que se perdera. Nosso propósito é fazer como ele.

NESTE NÚMERO

Mensagem de Inspiração. Marion D. Hanks 2
Ressurreição e Restauração. Pres. N. Eldon Tanner 3
Vislumbres do Céu. Pres. Spencer W. Kimball 5
Prioridades. Wendell J. Ashton 10
A Vida é Eterna. Ezra Taft Benson 12
O Sermão King Follett. Joseph Smith Jr. 17
Normas e Procedimentos. 22
O Colchão de Penas. Mary Pratt Parrish 23
NÉFI. Mabel Jones Gabbott 26
O Amigo de Marcos. Mary M. Cardon 28
Mais do que Imaginamos. Marion D. Hanks 31
Perguntas & Respostas. 33
Na Casa do Senhor. 36
Coisas que eles Dizem. 41
A Vitalidade do Amor. Pres. Milton R. Hunter 42
Tolerância ao Mal. M. Dallas Burnett 45
A Segunda Oportunidade. Joseph Tilton 46

CAPA

A capa ilustra o encontro do Cristo ressurreto com Maria Madalena; a posterior mostra a fotografia de uma tumba que consta ser a mesma em que Jesus foi sepultado.

A Liahona 25/4 abril 1972

Publicação Mensal da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias editada pelo
CENTRO EDITORIAL BRASILEIRO
R. São Tomé, 520 - V. Olímpia
CP 19079, São Paulo, SP
Tel. 80-9675 — 282-5948

EDITOR
Osiris Grobel Cabral

REDATOR
Aldo Francesconi

ESTACA SÃO PAULO
R. Brig. Faria Lima, 1980, São Paulo, SP

ESTACA SÃO PAULO LESTE
R. Ibituruna, 82, São Paulo, SP

CORRESPONDENTE
Dante T. J. Pantiga

ESTACA SÃO PAULO SUL
R. Catequese, 432, Santo André, SP

CORRESPONDENTE
Nívio Varella Alcover

ESTACA DE CURITIBA
R. Gottlieb Muller, 96, Curitiba, PR

MISSÃO BRASIL CENTRAL
R. Henrique Monteiro, 215
CP 20.809, São Paulo, SP
Tel. 80-4638

CORRESPONDENTE
Alan Millet

MISSÃO BRASIL SUL
R. Princesa Isabel, 342
CP 1513, Pôrto Alegre, RS
Tel. 23-0748

CORRESPONDENTE
Mauro G. de Freitas

MISSÃO BRASIL NORTE
R. Stefan Zweig, 158, Laranjeiras
CP 2502, ZC-00, Rio de Janeiro, GB
Tel. 225-1839

CORRESPONDENTE
Walmir Silva

CONSTRUÇÃO GERAL NO BRASIL
R. Itapeva, 378, São Paulo, SP
Tel. 288-4118

CORRESPONDENTE
Manoel Marcelino Netto

A LIAHONA — Edição brasileira do "The Unified Magazine" da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas de Oficinas Impressôras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. "The Unified Magazine" é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, suéco, taitiano e tonganês. Composta pela Linotipadora Godoy Ltda., R. Abolição, 263. Impressa pela Editôra Gráfica Lopes, Rua Francisco da Silva Prado, 172, São Paulo, SP.

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar sòmente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas tôdas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "The Unified Magazine". Colaborações espontâneas e matéria oriunda dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

SUBSCRIÇÕES: Tôda a correspondência sôbre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP.** Preço da assinatural anual para o Brasil: Cr$ 12,00; para o exterior, simples: US$ 3,00; aérea: US$ 7,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr$ 1,20; exemplar atrasado: Cr$ 1,50. As mudanças de enderêço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o nôvo enderêço, devendo-se aguardar até oito semanas para o processamento postal.

Mensagem da Primeira Presidência

Ressurreição e Restauração



Presidente N. Eldon Tanner

Segundo Conselheiro na Primeira Presidência d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Abril é na verdade um mês histórico, em que comemoramos dois dos mais importantes eventos da história humana: a morte e ressurreição do nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo, e o restabelecimento da sua igreja e seu reino sobre a terra nestes nossos dias, os últimos membros da Igreja também crêem que Cristo nasceu no dia seis de abril no ano 1 A.C. (Vide D&C 20:1).

Meditando sobre o nascimento, morte e ressurreição de nosso Salvador, compreendemos que "Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna." (João 3:16). Ainda que Jesus sofresse e sangrasse, morrendo na cruz, bradando ao Pai em sua agonia, e ainda que o Pai suportasse indescritível dor e pesar vendo o sofrimento do Filho durante aquele martírio, foi, não obstante, um momento de triunfo para eles e para toda alma vivente que já sentiu o sopro da vida.

Estou certo de que sentimos o mesmo que o poeta Charles H. Gabriel quando diz:

"Assombro me causa o amor que me dá Jesus;

Confuso estou pela graça de sua luz.

E temo ao ver que por mim sua vida deu:

Por mim, tão humilde, seu sangue Jesus verteu.

Ressurreição e Restauração

Relembro que Cristo na cruz se deixou pregar;

Pagou minha dívida — posso eu olvidar?

Não! Não! E por isso ao seu trono orarei,

A vida e tudo o que tenho eu lhe darei".

Fico imaginando se nos detemos com suficiente frequência, para ponderar esses acontecimentos momentosos e procurar compreender plenamente o que significam para nós. Será que conseguimos ao menos vislumbrar um amor tão imenso e grande como o do nosso Salvador, que tenha chegado a se oferecer para sofrer por todos nós, a fim de nos poupar a agonia da expiação individual? Temos que entender que, segundo o plano de vida e salvação do Pai, "Adão caiu para que os homens existissem", e como a queda introduziu a morte no mundo, era preciso haver uma expiação e um meio de libertar a humanidade das cadeias da morte.

Foi este o propósito da crucificação e ressurreição do nosso Senhor. Assim, todos nós somos redimidos da tumba, mas ele quer que tenhamos ainda maiores bênçãos. A salvação da morte eterna é realmente maravilhosa, mas ele ofereceu-nos um plano pelo qual obteremos a exaltação e vida eterna, ou a vida com Deus, nosso Pai Eterno.

Foi com esses objetivos que restabeleceu a sua igreja, a mesma igreja que organizou com seus apóstolos, a fim de que todos os que fossem chamados santos pudessem ser ensinados e instruídos, e pudessem arrepender-se, ser batizados e receber as ordenanças salvadoras pela imposição das mãos por quem de direito.

Isto, de um modo geral, não é entendido pelo mundo. Quanta felicidade sermos membros da Igreja de Jesus Cristo, que nos ensina o Evangelho em sua plenitude como foi revelado e restaurado nestes últimos dias. Quão abençoados somos por sabermos que Deus é um personagem real, em cuja imagem somos criados; somos seus filhos espirituais; que ele nos ama e se interessa por nós; e que, por intermédio de seu Filho, deu-nos um plano de vida que, se o seguirmos, nos reconduzirá à sua presença, onde poderemos gozar o progresso eterno em companhia de nossa família e entes queridos.

Disse Jesus: "Porque eis que esta é a minha obra e minha glória: proporcionar a imortalidade e a vida eterna ao homem." (Moisés 1:39).

Mas o simples fato de saber estas coisas e ser membro da sua Igreja não bastará para salvar-nos ou dar-nos as bênçãos prometidas. É **fazendo** a vontade do Pai, cumprindo seus mandamentos e vivendo de acordo com os princípios do seu Evangelho que receberemos as bênçãos que tem prometido aos que forem fiéis.

Precisamos aprender e guardar os mandamentos, nunca nos esquecendo de que o primeiro e grande mandamento é: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. E o segundo semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo." (Mateus 22:37, 39). Se cumprirmos estes dois, estaremos inevitavelmente preparados para aceitar e viver os demais, lembrando-nos de que, ao buscarmos "primeiro o reino de Deus, e a sua justiça, e todas estas coisas... serão acrescentadas." (Mateus 6:33).

Quão apropriado comemorar a organização da Igreja e a ressurreição na mesma época! A ressurreição possibilita-nos ressurgir da morte e a igreja, por meio de suas ordenanças salvadoras e dependendo de nossa fé e fidelidade, a usufruir a exaltação e a vida eterna.

Vislumbres do Céu

Spencer W. Kimball

Presidente em Exercício do Conselho dos Doze



Meus caros irmãos, irmãs e amigos: Muito se fala sobre os crimes tenebrosos que obscurecem as janelas dos céus. Estremecemos diante das imoralidades que nos atemorizam. Sentimo-nos à beira do pânico com a frequência dos divórcios, lares desfeitos e crianças delinquentes ao nosso redor. Mas talvez devêssemos ocasionalmente parar e refletir sobre o fato de que nem todos são transgressores, nem todos são maus e nem todos rebeldes.

Tenho repetido mais de uma vez a experiência que vivi ao ser pintado o meu retrato.

No quarto andar do templo, fica a sala do Conselho dos Doze, com suas largas cadeiras colocadas em semi-círculo. É ali que se realizam as importantes reuniões do quorum dos apóstolos. Das paredes pendem os retratos dos Irmãos, e quando fui chamado a este serviço, olhava-os com admiração e afeto, pois na verdade eram grandes homens com os quais eu estava convivendo.

Tempos depois, a Primeira Presidência da Igreja autorizou a realização do meu retrato para ser acrescentado aos demais.

Lee Greene Richards foi o artista escolhido, e começamos imediatamente. Eu ficava sentado numa cadeira colocada sobre uma plataforma elevada em seu estúdio, procurando com todo o empenho parecer tão bem como alguns dos outros irmãos. Empunhando paleta, pincéis e tintas, o pintor alternadamente esmiuçava minhas feições e besuntava a tela. Depois de muitas visitas minhas ao estúdio e semanas de trabalho, a obra foi exibida à Primeira Presidência e depois à minha mulher e filha.

Não obteve aprovação e tive que submeter-me a novas visitas ao estúdio.

Mudou-se o ângulo, passaram-se as horas — e não foram poucas — e finalmente o retrato estava quase terminado. Aquele dia em particular tinha sido muito agitado, como acontece quase sempre. Acho que eu estava sonhando de olhos abertos, um tanto alheio deste mundo. Aparentemente, o pintor estava tendo dificuldades em reproduzir na tela o meu olhar distante. Vi que largou a paleta e pincéis, cruzou os braços e, olhando-me fixamente, despertou-me dos sonhos com uma pergunta abrupta: "Irmão Kimball, alguma vez já esteve nos céus?"

Minha resposta pareceu causar-lhe um choque de igual tamanho, quando disse sem hesitar: "Ora, certamente que sim, Irmão Richards. Tive um vislumbre dos céus ainda uns minutos antes de chegar aqui." Reparei que se pôs à vontade, fitando-me intensamente com olhos admirados. Então prossegui:

"É sim. Exatamente uma hora atrás. Foi ali no santo templo, do outro lado da rua. A sala de selamentos estava isolada do mundo barulhento pelas paredes grossas, imaculadas; as cortinas, luminosas, cálidas; os móveis, bem cuidados e dignos; os espelhos nas duas paredes opostas davam a impressão de nos levar por ambientes iguais ao infinito; e a maravilhosa janela de vitral à minha frente filtrava uma luz cheia de paz. Todos os presentes estavam vestidos de branco. Havia ali paz, harmonia e ansiosa expectativa. Um jovem bem apessoado e a moça primorosamente trajada, indescritivelmente encantadores, ajoelharam-se diante do altar. Investido de autoridade, celebrei a cerimônia celestial que os casou e selou para a eternidade na terra e nos mundos celestiais. Ali estavam os puros de coração. Ali estava o céu.

"Terminada a cerimônia e os subsequentes votos de congratulação, um pai feliz, radiante em seu contentamento, ofereceu-me a mão, dizendo: 'Irmão Kimball, minha mulher e eu somos gente humilde e nunca tivemos sucesso, mas **temos** um orgulho imenso da nossa família.' Depois, continuou: 'Este é o último de nossos oito filhos que vem casar-se para a eternidade nesta casa santa. Todos eles estão aqui presen-

tes, com seus cônjuges, a fim de participarem do casamento do irmão caçula. Este é o dia mais feliz para nós, vendo todos os oito filhos adequadamente casados. Eles servem fielmente ao Senhor na Igreja, e os mais velhos já estão criando suas próprias famílias em retidão.'

"Olhei suas mãos calejadas, sua aparência rude e pensei para comigo: 'Eis aqui um verdadeiro filho de Deus cumprindo seu destino.'

"'Sucesso?', disse eu segurando sua mão. 'Esta é a maior história de sucesso que já ouvi. O irmão poderia ter acumulado milhões em títulos e ações, contas bancárias, terras, indústrias, e ainda assim ser um fracasso. Mas está cumprindo o propósito para o qual veio ao mundo, levando uma vida reta, gerando e criando esta bela posteridade educada em fé e obras. Ora, meus caros, vocês são eminentemente bem sucedidos. Que Deus os abençoe.'"

A história acabara. Levantei os olhos para o pintor e, vendo-o imerso em profunda reflexão, continuei: Sim, meu irmão, tenho tido numerosos vislumbres do céu.

"Certa vez, fui a uma estaca distante para a conferência. Chegamos à casa despretensiosa do seu presidente por volta do meio-dia de sábado. Batendo à porta, esta foi aberta por uma mulher adorável com um bebê nos braços. Era o tipo de mãe que desconhece a existência de empregadas e babás. Não serviria para modelo de um artista, nem era mulher de sociedade. Os cabelos estavam bem penteados, as roupas modestas, porém de bom gosto; mostrava-se sorridente e, embora jovem, demonstrava a rara combinação de maturidade, vivência e a alegria de uma vida significativa.



"A casa era pequena. A sala de uso geral onde fomos recebidos mostrava-se atulhada, tendo ao centro uma longa mesa rodeada de cadeiras. Após nos arrumarmos um pouco no pequeno quarto disponível para nós por terem 'distribuído' algumas das crianças pelas casas vizinhas, retornamos à sala de estar. A dona da casa atarefava-se na cozinha. O presidente da estaca, seu marido, logo chegou do trabalho, cumprimentando-nos efusivamente e, com orgulho, apresentou-nos todos os filhos, à medida que iam chegando de suas tarefas ou de seus brinquedos.

"Quase que num passe de mágica, o jantar ficou pronto, pela colaboração de muitas mãos ágeis e experientes. Todas as crianças davam mostras de terem aprendido responsabilidade. Cada uma tinha determinados deveres. Uma estendera a toalha na mesa; outra distribuiu os talheres e a seguinte encarregou-se dos pratos, colocando-os virados sobre a mesa. (A louça era simples.)

A seguir, vieram grandes jarros de leite cremoso, pilhas enormes de fatias de pão caseiro, uma tigela em cada lugar, uma travessa de frutas da estação e um prato de queijo.

"Uma das crianças virou as cadeiras com o encosto para a mesa e, sem qualquer confusão, todos nos ajoelhamos diante delas. Um dos filhos foi designado a fazer a oração familiar. Foi uma prece improvisada, rogando ao Senhor que abençoasse os familiares em seus afazeres, na escola, os missionários e o bispo. Orou por nós que viéramos para a conferência, a fim de que pudéssemos 'pregar bem', pelo pai em suas responsabilidades na Igreja, por todas as crianças para que 'fossem boas e gentis entre si' e também pelos pequenos cordeiros enregelados que estavam nascendo nos apriscos da montanha naquela noite de inverno.

"Uma das crianças menores pediu a bênção do alimento e depois, treze pratos foram virados, treze tigelas enchidas e começou o almoço. Não houve nenhum pedido de excusas pela refeição, a casa, as crianças ou a situação em geral. A conversa foi construtiva e agradável. A criançada mostrava boas maneiras. Aqueles pais enfrentavam qualquer situação com calma, dignidade e firmeza.

"Nestes nossos dias de famílias limitadas, ou casais sem filhos, quando existem muitos lares com apenas uma ou duas crianças frequentemente egoístas e mimadas, casas luxuosas com empregados, lares desfeitos nos quais a vida se passa fora de casa, foi sumamente alentador conviver com uma grande família em que eram patentes a interdependência, o amor e a harmonia, e na qual as crianças se criavam sem conhecer egocentrismo. Sentimo-nos tão contentes e à vontade em meio àquela doce simplicidade e calma salutar, que não demos a mínima atenção às cadeiras descombinadas, ao tapete gasto, às cortinas baratas, a pequenês da casa e o número de almas que deviam arranjar-se com os poucos cômodos disponíveis."



Fiz uma pausa. "Sim, Irmão Richards, naquele dia vislumbrei o céu, e muitas vezes mais em muitos lugares." Ele parecia totalmente desinteressado na pintura. Estava ali de pé, escutando com atenção, aparentemente ansiando ouvir mais, e quase sem sentir, passei a contar-lhe outro relance fugaz das paragens celestes.

"Dessa vez aconteceu numa reserva territorial para índios. Embora a maioria das mulheres **navajo** pareçam prolíficas, aquela doce esposa lamanita não havia sido abençoada com filhos próprios em vários anos de casamento. Seu marido tinha um bom emprego. Encontramos esse casal recém-convertido à Igreja fazendo suas compras de fim de semana. Ao darmos uma olhadela na cesta grande e cheia, reparamos que con-

tinha sòmente produtos saudáveis — nada de cerveja, café, cigarros e coisas parecidas. 'Vocês gostam de Cevada, não é?' perguntamos, e sentimo-nos tocados pela resposta deles: 'Sim, sempre tivemos café e cerveja durante toda a nossa vida, mas desde que os missionários mórmons nos falaram da Palavra de Sabedoria, passamos a usar cevada e sabemos que é melhor para as crianças e, elas gostam.'

'Crianças?', perguntamos. 'Pensávamos que vocês não tinham filhos.' Isto fez com que explicassem que haviam enchido sua casa com dezoito órfãos **navajos** das mais diversas idades. Seu **hogan** (Cabana de terra desses indígenas. N. do T.) era grande, mas seus corações maiores ainda. Desprendimento — a essência da bondade humana! Amor verdadeiro! Aquele casal lamanita poderia envergonhar muitos de seus contemporâneos que levam uma vida de egoísmo e convencimento.

"O céu pode estar num **hogan** ou numa tenda, Irmão Richards, pois somos nós que o fazemos." Eu estava pronto a voltar ao papel de modelo, mas aparentemente ele não estava tão inclinado a pegar nos pincéis. Continuava de pé, escutando com atenção.



"Dessa vez, eu estava no Havaí, no pequeno e belo templo em Laie, em meio a um grupo de missionários. O Espírito estava ali presente; os missionários de tempo integral mal conseguiram aguardar a sua vez de prestar testemunho do Evangelho do Senhor. Finalmente, chegou a vez da pequena missionária japonesa. Ajoelhada junto ao púlpito, os pés calçados apenas de meias, com toda a reverência e um coração transbordante de agradecimento pelo Evangelho e suas oportunidades, ela abriu sua alma aos céus.

"O céu estava ali, irmão, naquela pequena sala, naquele lugar sagrado, naquele paraíso do Pacífico com aqueles ternos e jovens soldados consagrados de Cristo."

Prossegui: "Também tive o céu em minha própria casa, Dr. Richards, quando fazíamos a reunião familiar. No decorrer dos anos, a sala encheu-se com nossos filhos, quando cada um, esperando ansioso a sua vez, cantava uma canção, dirigia um jogo, recitava uma Regra de Fé, contava uma história, e prestava atenção aos ensinamentos do Evangelho e histórias construtivas da parte dos pais que os amavam.

"E encontrei o céu novamente na Europa. O Élder Vogel era um rapaz alemão convertido à Igreja e que tinha uma profunda fé. Seus pais recusaram-se a contribuir para a missão que tanto desejava fazer. Certo membro bondoso da América prontificou-se a colaborar com um cheque mensal para as despesas da missão. Ele apreciava seu trabalho e tudo foi

bem durante um ano e meio. Então, chegou uma carta da esposa de seu benfeitor, comunicando-lhe que este havia morrido num acidente automobilístico e que não mais poderia mandar qualquer dinheiro.

"Aquele jovem ocultou seu desapontamento e orou sinceramente em busca de uma solução. Certo dia, ao passar com seu companheiro americano, o Élder Smith, diante de um hospital, ocorreu-lhe a solução para seu problema financeiro. No dia seguinte, deu uma explicação qualquer e saiu por algum tempo. Ao voltar, não falou quase nada e foi deitar-se cedo, dando como desculpa estar muito cansado. Poucos dias depois, o Élder Smith notou um pequeno curativo no braço dele, mas sua pergunta foi respondida despreocupadamente.

"Os tempos foram passando e finalmente o Élder Smith mostrou-se suspeitoso quanto àqueles repetidos curativos, até que o Élder Vogel, vendo-se incapaz de guardar seu segredo por mais tempo, contou-lhe: 'Bem, meu amigo americano está morto e não pode mais financiar a minha missão. Meus pais continuam intransigentes e por isso, de tempos em tempos, procuro o banco de sangue do hospital, para poder terminar minha missão.' Vendia seu sangue precioso para poder salvar almas! Bem, não foi isto o que o Mestre fez, quando derramou até a última gota no supremo sacrifício?

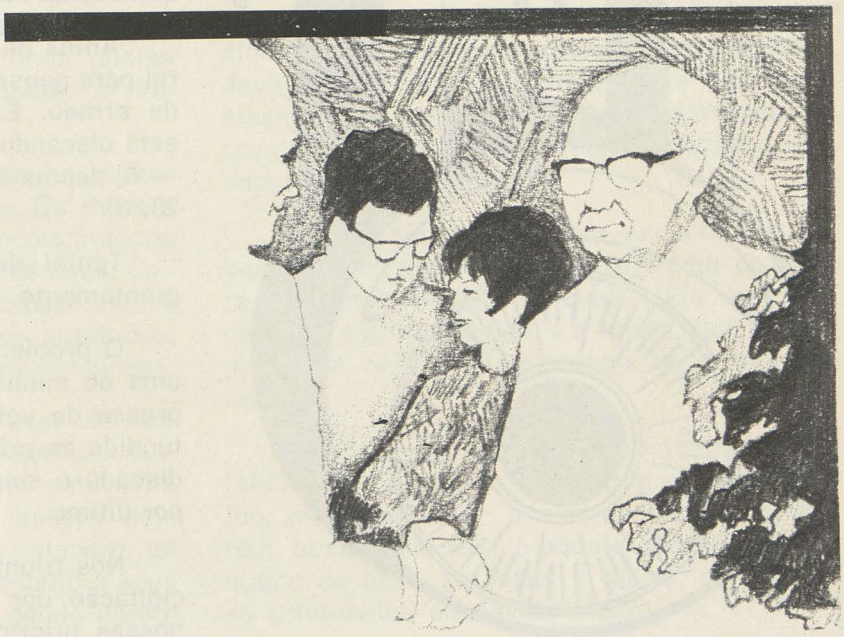
"Acredita nos céus, Irmão Artista?", perguntei. "Sim, é isto mesmo. O céu é um lugar, mas também uma condição. É o lar e a família. É compreensão e bondade. É interdependência e trabalho abnegado. É uma vida quieta, sensata; é sacrifício pessoal, hospitalidade genuina, preocupação sadia pelos outros. É viver os mandamentos de Deus sem ostentação ou hipocrisia. É desprendimento. Existe em toda a parte. É preciso apenas ser capaz de reconhecê-lo, quando o encontramos, e desfrutá-lo. Sim, querido irmão, tenho tido muitos vislumbres do céu."

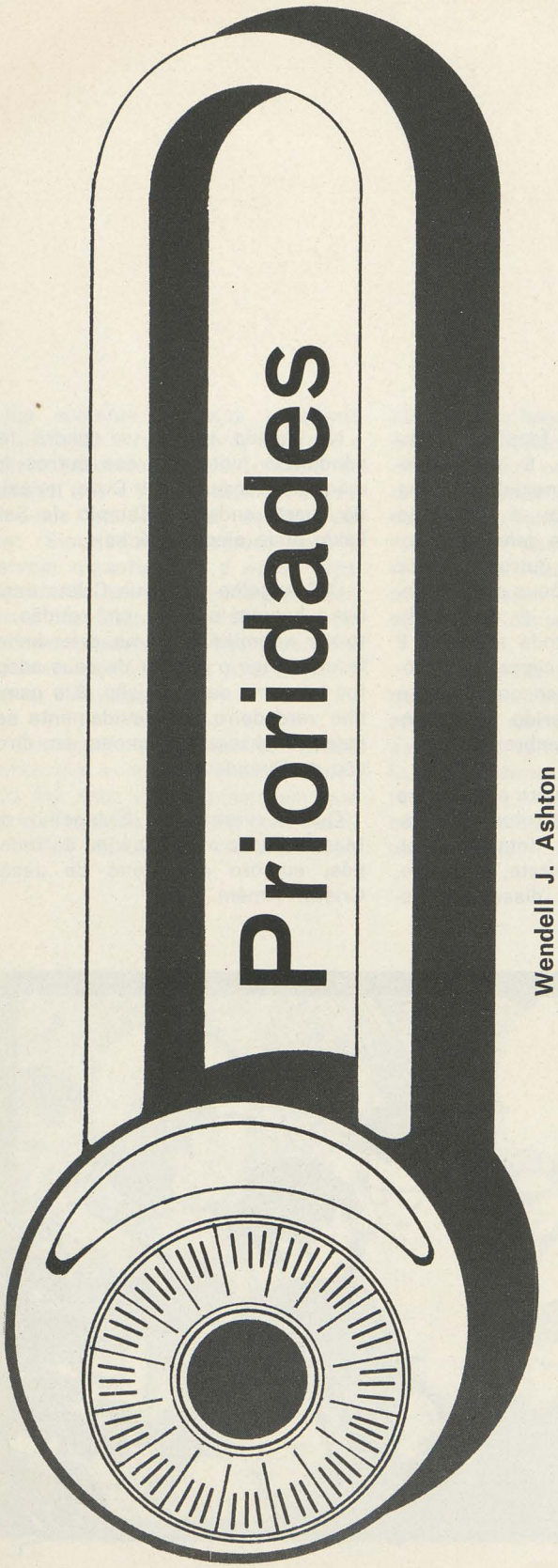
Aprumei-me na cadeira em postura de modelo. O pintor retomou a paleta, seus pincéis e tintas, deu alguns retoques no retrato, e depois, suspirando satisfeito, disse-me: "Está terminado."

No devido tempo, o quadro foi pendurado junto aos dos outros Irmãos do Conselho dos Doze, na sala do quarto andar do Templo de Salt Lake, onde ainda está hoje.

O Evangelho de Jesus Cristo ensina o homem a viver em retidão, a tornar a família suprema, o lar inviolável. Dirige o caráter de seus adeptos no rumo da perfeição. É o caminho verdadeiro. Se devidamente seguido, enobrecerá o homem em direção da Divindade.

Que o verdadeiro Evangelho do Mestre possa atingir a vida de todos nós, eu oro em nome de Jesus Cristo. Amém.





Wendell J. Ashton

Ontem, depois de renhida partida de tênis em jogo de duplas, sentei-me no banco de madeira diante do meu armário no vestiário e comecei a girar o disco do cadeado. Este é semelhante ao que nosso filho usa na bicicleta, com uma haste de metal em forma de grampo sobressaindo do disco propriamente dito.

Com dedos suarentos, comecei a girá-lo. O disco foi para 6, depois 38 e finalmente 28.

O cadeado continuou fechado.

Tentei novamente.

O cadeado continuou na mesma.

Mais uma vez, meus dedos impacientes puseram-no a girar.

O fecho permanecia firmemente trancado — tão seguro quanto as mandíbulas cerradas de um buldogue.

Coisa igual nunca havia acontecido com aquele cadeado. Eu precisava de um banho e trocar de roupa para poder voltar ao escritório onde tinha um encontro marcado.

Antes de manejar novamente o disco, parei para pensar sobre o que eu estaria fazendo de errado. E, de repente, ocorreu-me: Você está discando os três números fora de ordem, — 6, depois 38 e finalmente 28. O certo é 38, 28, 6.

Tentei de novo. A fechadura funcionou prontamente, como sempre fizera.

O problema foi que, no arrebatamento de uma de minhas raras vitórias tenísticas e na pressa de voltar ao escritório, eu havia confundido as prioridades naquele cadeado. Tinha discado o seis em primeiro lugar, em vez de por último.

Nos triunfos e provações da vida, na precipitação dos dias, é tão fácil confundirmos nossas prioridades. Às vezes, tenho deixado

atividades que deveriam vir por último ocupar o primeiro lugar, como aquele seis no disco do cadeado.

Jesus deu-nos uma grande lição a respeito das prioridades. Lembram-se daquela sua visita a Betânia, a pequena aldeia nas encostas do Monte das Oliveiras, a pouca distância de Jerusalém? Em Betânia, ficava a casa de duas irmãs, Marta e Maria, muito amigas de Jesus. Chegando à casa delas, Maria sentou-se aos pés do Mestre para ouvir suas palavras, enquanto Marta se ocupava em preparativos para o hóspede. Marta "andava distraída em muitos serviços" e aproximando-se de Jesus, disse: "Senhor, não se te dá de que minha irmã me deixe servir só? Dize-lhe pois que me ajude."

O Mestre respondeu-lhe compassivamente: "Marta, Marta, estás ansiosa e afadigada com muitas coisas.

"Mas uma só é necessária; e Maria escolheu a boa parte, a qual não lhe será tirada." (Lucas 10:40-42).

Marta, preocupada com uma porção de coisas, deixou que suas prioridades se confundissem. As tarefas caseiras foram postas antes da prioridade mais importante: a presença do hóspede.

Lembro-me de uma casa que fui visitar com um companheiro certa noite. Os móveis da sala estavam cobertos com lençóis brancos e por isso fomos levados a outro cômodo. Saímos de lá, sentindo que a dona da casa estava mais preocupada em conservar os estofados, do que fazer as visitas se sentirem bem-vindas.

Esta semana estivemos na casa de uns vizinhos, cujo filho acabara de fazer um discurso na reunião sacramental. Ele estava de partida para o Brasil, a fim de cumprir uma missão. Seu discurso foi ótimo — sincero, tocante e adulto. Rendeu o devido tributo a seus pais. Vimos esse jovem crescer desde garotinho. Hoje é um rapaz excepcional, também como atleta, com brilhante realizações acadêmicas na escola.

Conversando com a avó materna do rapaz, falamos também dos pais dele.

"Que pai maravilhoso meu genro tem sido para o rapaz!" disse-me ela. "Recordo-me de quando ele e minha filha estavam construindo esta casa. Grande parte do trabalho foi feito por eles próprios. Quando estava pintando empoleirado na escada, e um dos dois filhos o chamava por causa de algum problema, o pai largava a brocha e descia da escada. Então, atendia ao problema do garoto e ajudava-o paternalmente. Eu sabia o quanto ele ansiava por ver a casa pronta. Mas não antepunha o término da casa aos cuidados daqueles para quem ela estava sendo construída — sua esposa e os dois filhos."

Aparentemente esse pai, com respeito à sua família, conservou as prioridades na devida ordem.

Todo homem fisicamente apto deve ser um bom provedor da família. Entretanto, alguns homens permitem que o trabalho profissional tenha prioridade sobre aqueles a quem deve prover. Outros permitem que seu entusiasmo pelo trabalho na Igreja sacrifique os preciosos momentos de convivência com a esposa e filhos em casa.

Anos atrás, uma mulher excepcional, falando do seu querido esposo, um líder da Igreja muito respeitado, disse-me: "Ele está tão ocupado trabalhando para a Igreja, que só espero que não vá esquecer-se de como ser cristão."

Todo homem e mulher sentir-se-á mais feliz, se der o melhor de si na Igreja, no trabalho, na comunidade e nos passatempos. Porém, ainda mais feliz é aquele que não se esquece da lição de Jesus a Marta, e mantém as prioridades na devida ordem.

A Vida é Eterna

Ezra Taft Benson

Do Conselho dos Doze

Meus irmãos e irmãs — do mundo inteiro: Dirijo-me a vós neste momento solene, porém jubiloso, devido à minha convicção, corroborada pelas santas Escrituras, de que realmente somos todos irmãos e irmãs, filhos espirituais do mesmo Pai Celeste.

Somos seres eternos. Vivemos como espíritos inteligentes antes desta vida mortal. Estamos agora vivendo uma parte da eternidade. Nosso nascimento na carne não foi o início; e nem a morte, que espera a todos, será o fim.

"Ó, meu Pai, tu que habitas na real, celeste mansão,
Quando verei a tua face em tua santa habitação?
. . .
Tu ao mundo me mandaste por teu glorioso poder,
E esqueci-me das lembranças do meu pretérito viver!
Às vezes ouço em segredo: 'Um estranho és aqui.'
Bem sei, que sou um peregrino de outra esfera em que vivi.
. . .

Como seres eternos, cada um de nós tem dentro de si uma centelha de divindade. E, falando como pessoa que tem viajado por grande parte deste mundo, de ambos os lados da cortina de ferro, estou convencido de que os filhos do nosso Pai são essencialmente bons. Eles desejam viver em paz, querem ser bons vizinhos, amam o seu lar e a sua família, desejam melhorar seu padrão de vida, querem fazer o que é certo, são essencialmente bons. E eu sei que Deus os ama.

E como humilde servo do Senhor, sinto dentro de mim amor pelos filhos do Pai. Tenho-os encontrado em lugares altos e baixos. Conversei com eles em seus lares, em seus campos, em seus pequenos sítios, em seus negócios, nas estradas da terra e no ar. Tenho tido o privilégio de estar com eles em reuniões pequenas e grandes, adorando com eles em suas igrejas, inclusive numa pequena capela batista repleta de fiéis em Moscou, na Rússia.

E torno a repetir, meus irmãos e irmãs, que os filhos do nosso Pai são essencialmente bons. Sei que o Senhor lhes tem amor, e eu, como seu humilde servo, sinto amor por eles em meu coração. Que Deus vos abençoe e esteja convosco, seja onde for que estiverdes, como ele pode e quer estar através de seu espírito.

Sim, em nossa trajetória por este mundo arrevesado, confuso e pecaminoso, repleto de tentações e problemas, sentimo-nos humildes pela expectativa da morte, a incerteza da vida e o poder e amor de Deus. Todos nós conhecemos a tristeza da perda de entes queridos, mas também existe gratidão. Gratidão pela certeza de que a vida é eterna. Gratidão pelo sublime plano do Evangelho, dado gratuitamente a todos nós. Gratidão pela vida, pelos ensinamentos e supremo sacrifício do Senhor Jesus Cristo, cuja ressurreição comemoraremos daqui a poucos dias.



Dai graças a Deus pela vida e pelo ministério do Mestre, Jesus Cristo, que rompeu as cadeias da morte, que é a luz e a vida do mundo, que deu o exemplo, que estabeleceu as diretrizes para todos nós, e que proclamou:

"Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá;"

"E todo aquele que vive, e crê em mim, nunca morrerá..." (João 11:25-26)

"Morrendo o homem, porventura tornará a viver?", perguntava Jó, o profeta de antanho. (Jó 14:14) Meu caro amigo, o senador Everett Dirksen[1], pouco antes de sua morte, respondeu impressivamente à indagação de Jó da seguinte forma: "Qual o ser mortal que, estando no limiar do infinito, não terá ponderado o que existe atrás do véu que separa o conhecido do desconhecido?

"Qual o ser mortal, insuflado por aquele instinto místico de que a dissolução terrena está próxima, não tem meditado o que existe além do túmulo?

"Qual o ser mortal que, envolto pela estranha e serena resignação de que a jornada da vida está para

terminar, não terá pensado sobre o destino eterno e o que encontrará ali?

"Séculos atrás, um homem chamado Jó, depois de tão abençoado com todas as coisas materiais, viu-se dolorosamente atingido por todos os males que podem acometer um ser humano e, sentando com seus companheiros, fez a eterna e imutável pergunta: 'Morrendo o homem, tornará a viver?' Na época pascal, quando toda a cristandade observa a ressurreição e busca resposta para muitas perguntas, sempre se destaca a indagação de Jó: 'Morrendo o homem, porventura tornará a viver?'

"Se existe desígnio para este universo e este mundo em que vivemos, tem que haver um Designador. Quem pode contemplar os inexplicáveis mistérios do universo sem acreditar que há um desígnio para toda a humanidade e também um Designador?...

"Morrendo o homem, porventura tornará a viver?' Certamente que sim; tão certo quanto o dia segue a noite, tão certo quanto as estrelas seguem seus cursos, tão certo quanto a crista de cada onda corresponde uma depressão." (**U.S. News & World Report,** 8 de novembro de 1865, pág. 124)

Sim, a vida é eterna. Continuaremos a viver interminavelmente depois da vida terrena, ainda que muitas vezes percamos de vista esta grande verdade.

Frequentemente dedicamos demasiado apego às coisas reles e perecíveis. As riquezas terrenas são meros provedores de cama e comida, por assim dizer, enquanto cursamos esta escola. É preciso que coloquemos o ouro, a prata, a casa, os títulos, as terras, animais e outras posses materiais no seu devido lugar.

Sim, este é um lugar de duração apenas temporária. Estamos aqui para aprender a primeira lição para sermos exaltados — a obediência ao plano do Evangelho do Senhor.

Sim, vivemos na constante expectativa da morte, mas, na realidade, não existe morte — nenhuma partida permanente. A ressurreição é uma realidade. As Escrituras estão repletas de evidência. Quase imediatamente após a gloriosa ressurreição do Senhor, Mateus registra:

"E abriram-se os sepulcros, e muitos corpos de santos que dormiam foram ressuscitados;"

"E, saindo dos sepulcros, depois da ressurreição dele, entraram na cidade santa e apareceram a muitos." (Mateus 27:52-53)

E João, o apóstolo, na Ilha de Patmos viu "os mortos, grandes e pequenos, que estavam diante do trono". (Apocalipse 20:12) E assim poderíamos continuar citando dos escritos sagrados, tanto antigos como modernos.

O mundo dos espíritos não é distante. Por vezes, o véu entre esta vida e a do outro lado torna-se extremamente tênue. Os entes queridos que nos deixaram não estão longe de nós. Um grande líder espiritual perguntou: "Mas onde fica o mundo espiritual?" e em seguida, respondeu à sua própria indagação: "É aqui mesmo." "Será que os espíritos transpõem os limites desta terra organizada?" "Não, eles não vão além, Eles foram trazidos a esta terra com o expresso propósito de habitá-la por toda a eternidade." "... quando os espíritos deixam seus corpos, eles estão na presença de nosso Pai e Deus; estão, portanto, preparados para ver, ouvir e entender as coisas espirituais... Se o Senhor o permitisse, e foi sua vontade que fosse feito, vós podereis ver os espíritos que partiram deste mundo tão claramente como agora vedes os corpos com vossos olhos naturais..." (Brigham Young em **Journal of Discourses,** vol. 3, pp. 367-69)

Sim, a vida é eterna, por isso
Que importa se hoje o céu parece [escuro,
Pois amanhã voltará a ser azul.
E quando se for a última nuvem
A providência divina mostrará sua [luz.

(Autor desconhecido)

Como será a morte? Eis um simples incidente que nos foi contado pelo Dr. Peter Marshall[2], capelão do Senado dos Estados Unidos:

Em certa casa, um rapazinho, o único filho, estava acometido de uma doença incurável. A mãe cuidara carinhosamente dele meses a fio, e com o passar das semanas, sem melhora alguma, o garotinho gradualmente começou a entender o sentido da morte e também que ele próprio estava para morrer. Um dia, a mãe estivera lendo para ele a história do Rei Artur e os Cavaleiros da Távola Redonda; quando fechou o livro, o menino ficou quieto por uns momentos e depois fez a pergunta que o intrigava: "Mamãe, o que acontece quando se morre? Mãe, será que dói?" Ela, não podendo reprimir as lágrimas, levantou-se rapidamente e correu para a cozinha, pretextando buscar alguma coisa. Pelo caminho, orou fervorosamente que o Senhor lhe dissesse o que responder, e foi atendida. No mesmo momento, soube como devia explicá-lo ao garoto, e voltando da cozinha, falou: "Kenneth, você de certo ainda se lembra como, quando ainda bem pequeno, costumava brincar tanto, que ficava tão cansado, que não podia despir-se, e acabava caindo na minha cama com roupa e tudo. De manhã, você acordava, e para sua grande surpresa, estava em sua própria cama. É que durante a noite, seu pai o tomava nos braços fortes e o levava para seu quarto. Kenneth, a morte também é assim; simplesmente acordamos uma manhã no lugar que nos

pertence, porque o Senhor Jesus nos ama." A face iluminada do garoto a encarou, contando-lhe que não restaria mais nenhum temor, mas haveria somente amor e confiança em seu coração, quando fosse encontrar-se com o Pai nos céus. Ele nunca voltou a tocar no assunto, e algumas semanas mais tarde, simplesmente adormeceu, exatamente como dissera ela. Assim é a morte. (Catherine Marshall em **A Man Called Peter** New York: McGraw Hill, 1951/pp. 272-73)

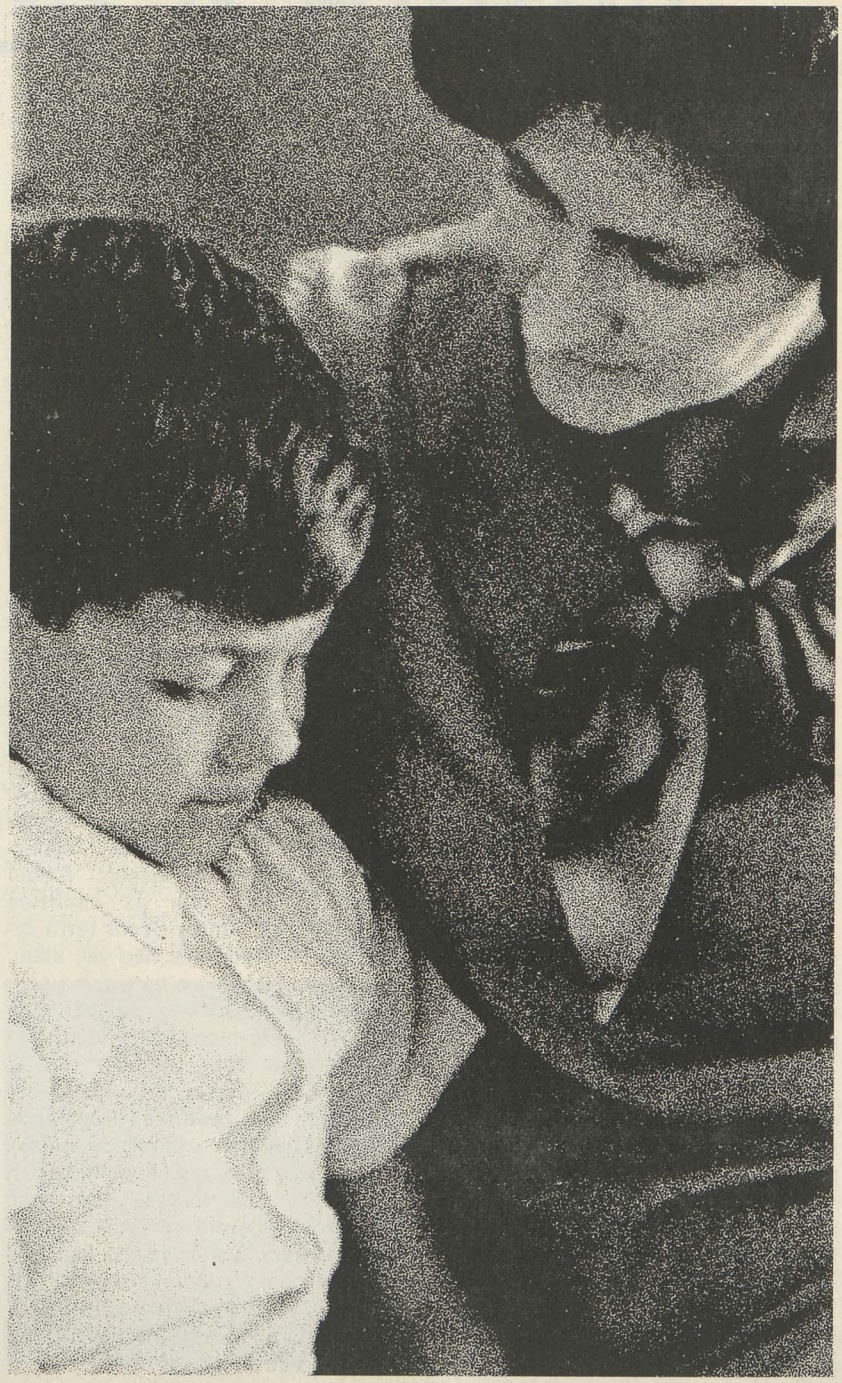
Sim, a vida é eterna. A morte não é o ponto final. Nesta época da Páscoa, é muito apropriado que nossos pensamentos se voltem para o mais glorioso dos eventos, a ressurreição do Senhor Jesus Cristo.

E como tenho testificado e agradecido inúmeras vezes.

Eu sei que Jesus é o Cristo — o Salvador e Redentor do mundo — o próprio Filho de Deus, que nasceu como o Infante de Belém. Ele viveu e ministrou entre os homens, foi crucificado no Calvário, e no terceiro dia ressuscitou dos mortos.

Os anjos proclamaram às mulheres enlutadas junto à tumba: "Por que buscais o vivente entre os mortos? (Ele) não está aqui, mas ressuscitou..." (Lucas 24:5-6) Não existe na história pronunciamento dramático que se iguale a este: "(Ele) não está aqui, mas ressuscitou."

Nenhuma outra influência singular teve tamanho impacto nesta terra como a vida de Jesus Cristo. Não podemos sequer conceber a nossa vida sem os seus ensinamentos. Sem ele, estaríamos perdidos nas miragens de crenças e cultos, nascidos do temor e das trevas onde imperam as forças materialistas e sensuais. Estamos muito aquém da meta que ele estabeleceu para nós, mas, nem por isso devemos perdê-la de vista; nem tampouco devemos esquecer



que a nossa grande ascensão em direção à luz, em direção à perfeição, seria impossível sem os seus ensinamentos, a sua vida, a sua morte e sua ressurreição.

Possa Deus apressar o dia em que os povos de toda a parte aceitarão seus ensinos, seu exemplo e sua divindade; sim, em que aceitarão como fato verídico a sua gloriosa ressurreição, pela qual quebrou as cadeias da morte para todos nós.

Sim, temos que aprender, e voltar a aprender, que somente pela aceitação e vivência do Evangelho de amor como foi pregado pelo Mestre, e somente pelo cumprimento da sua vontade, é que conseguiremos romper as cadeias da ignorância e da dúvida que nos tolhem. Temos que aprender esta verdade simples, gloriosa, para que possamos experimentar as doces alegrias do espírito agora e para todo o sempre. Precisamo-nos entregar ao cumprimento da sua vontade. Temos que colocá-lo em primeiro lugar na nossa vida. Sim, nossas bênçãos serão multiplicadas à medida que partilharmos o seu amor com nosso próximo.

Até a medida que nos afastamos do caminho traçado para nós pelo Homem da Galiléia, até essa mesma medida estaremos fracassando em nossas batalhas individuais para vencer nossos mundos. Mas não estamos sós e desamparados. Repetidamente disse aos discípulos daqueles tempos e a todos nós:

"Não se turbe o vosso coração...

"Se pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei.

"Não vos deixarei órfãos...

"Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou..." (João 14:1, 14, 18, 27)

Sentimos o seu espírito confortador na doce oração de uma criança e na fé tranquila e inabalável de todos aqueles que deixaram o seu Evangelho permear suas vidas. Que dom inestimável é poder conhecê-lo através de nossas próprias orações e dos sagrados e solenes testemunhos dos que o viram, conheceram e sentiram a sua presença.

Meus irmãos e irmãs, no limiar da manhã da Páscoa, mais de mil e novecentos anos depois da sua ressurreição, presto-vos meu solene testemunho de que eu sei que Jesus, o Cristo, vive. Que foi verdadeiramente ressuscitado dos mortos, como nós também o seremos. Que ele é a ressurreição e a vida.

Ele apareceu a muitas pessoas no Velho Mundo, após ressurgir da morte.

E, de acordo com as Escrituras modernas, sagradas para mim, passou três dias gloriosos, antes da sua ascensão, com suas "outras ovelhas" aqui na América — o Novo Mundo — e vive hoje em dia.

Cito uma visão concedida ao Profeta Joseph Smith e seu companheiro Sidney Rigdon, a 16 de fevereiro de 1832:

"E agora, depois dos muitos testemunhos que se prestaram dele, este é o testemunho, último de todos, que nós damos dele: que ele vive!

"Pois vimo-lo, mesmo à direita de Deus; e ouvimos a voz testificando que ele é o Unigênito do Pai.

"Que por ele, por meio dele, e dele, são e foram os mundos criados, e os seus habitantes são filhos e filhas gerados para Deus." (D&C 76:22-24)

Sim, meus amigos, Jesus é o Cristo. Ele vive. Ele quebrou as cadeias da morte. Ele é o nosso Salvador e Redentor, o próprio Filho de Deus.

E ele virá novamente, conforme proclama a Santa Bíblia: "...Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu, há de vir assim como para o céu o vistes ir." (Atos 1:11)

Sim, este mesmo Jesus já voltou à terra em nossos dias. O Cristo ressurrecto — glorificado, exaltado, o Deus desta terra abaixo do Pai — apareceu ao menino Joseph Smith em 1820. Este mesmo Jesus que foi o Deus de Abrãao, Isaque e Jacó, o Deus de Moisés, o Criador desta terra, voltou em nossos dias. Ele foi apresentado pelo Pai a Joseph Smith com estas palavras: **"Este é o meu Filho Amado. Ouve-o."** (Joseph Smith 2:17)

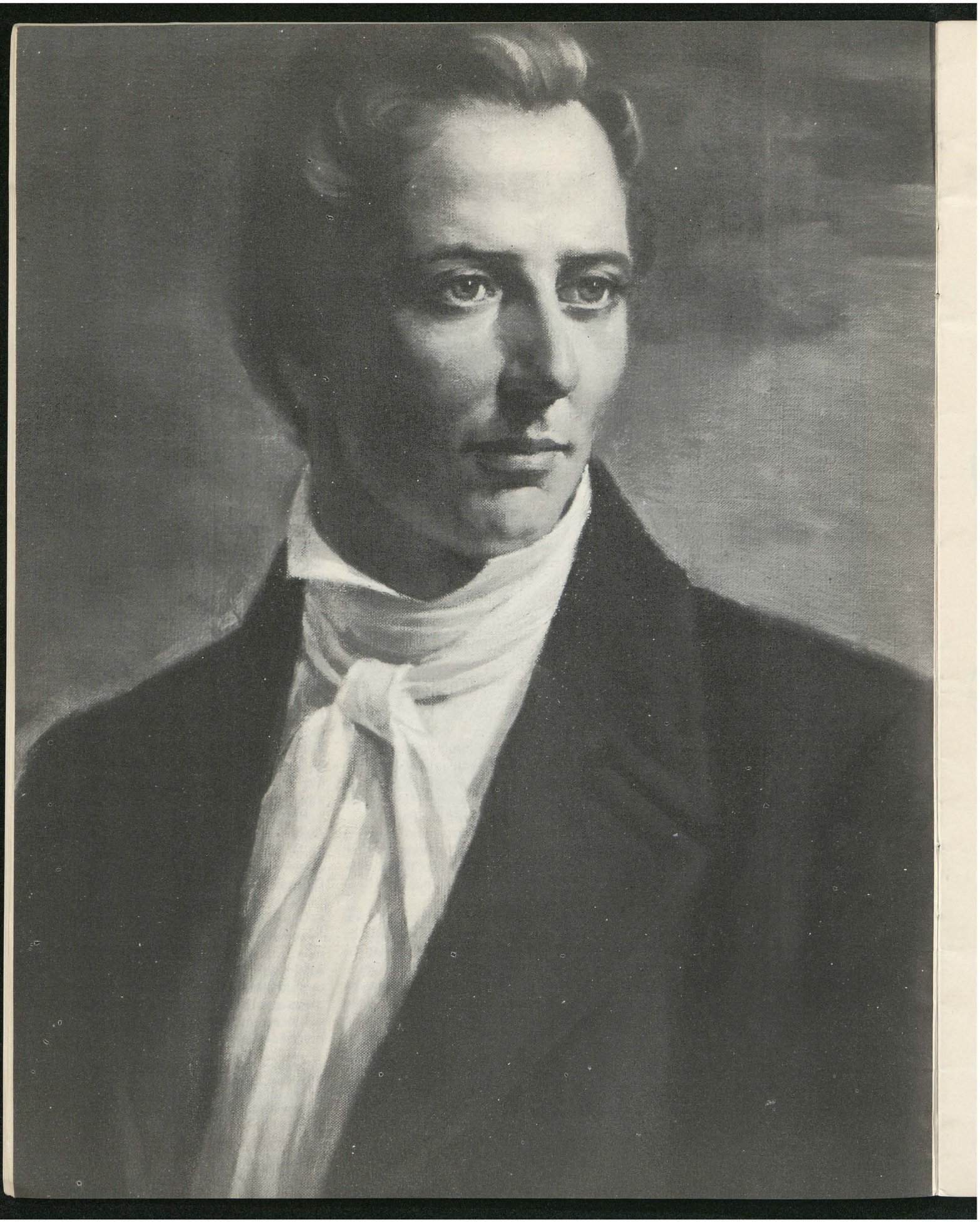
A aparição de Deus, o Pai, e de seu Filho Jesus Cristo ao profeta menino é o maior acontecimento ocorrido neste mundo desde a ressurreição do Mestre. Como a Igreja Restaurada de Jesus Cristo, prestamos este testemunho a todos os homens, com humildade e gratidão. Esta é uma mensagem para o mundo. É a verdade, destinada a todos os filhos do nosso Pai. Perto de três milhões de membros da Igreja espalhados pelo mundo prestam este solene testemunho. Hoje, milhares de dedicados missionários, através das nações, levam gratuitamente essa mensagem de suprema importância para o mundo. Jesus é o Cristo, o Salvador da humanidade, o Redentor do mundo, o próprio Filho de Deus. Ele é o Deus deste mundo, nosso advogado junto ao Pai.

Hoje em dia, vinte mil mensageiros-missionários da verdade, mais os três milhões de membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias — a Igreja Mórmon — prestam testemunho de que Deus voltou a falar dos céus, que Jesus Cristo apareceu novamente ao homem, que a ressurreição é uma realidade.

Hoje vos testifico a veracidade da mensagem que eles levam, e acrescento o meu solene testemunho, em nome de Jesus Cristo. Amém.

---

1. **Everett Kirksen — Senador norte-americano, 1896-1969.**
2. **Peter Marshall — Nascido na Escócia, em 1902. Faleceu nos Estados Unidos, em 1949.**



O SERMÃO KING FOLLETT

Joseph Smith Jr. (1805-1844)

Primeiro Presidente, d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

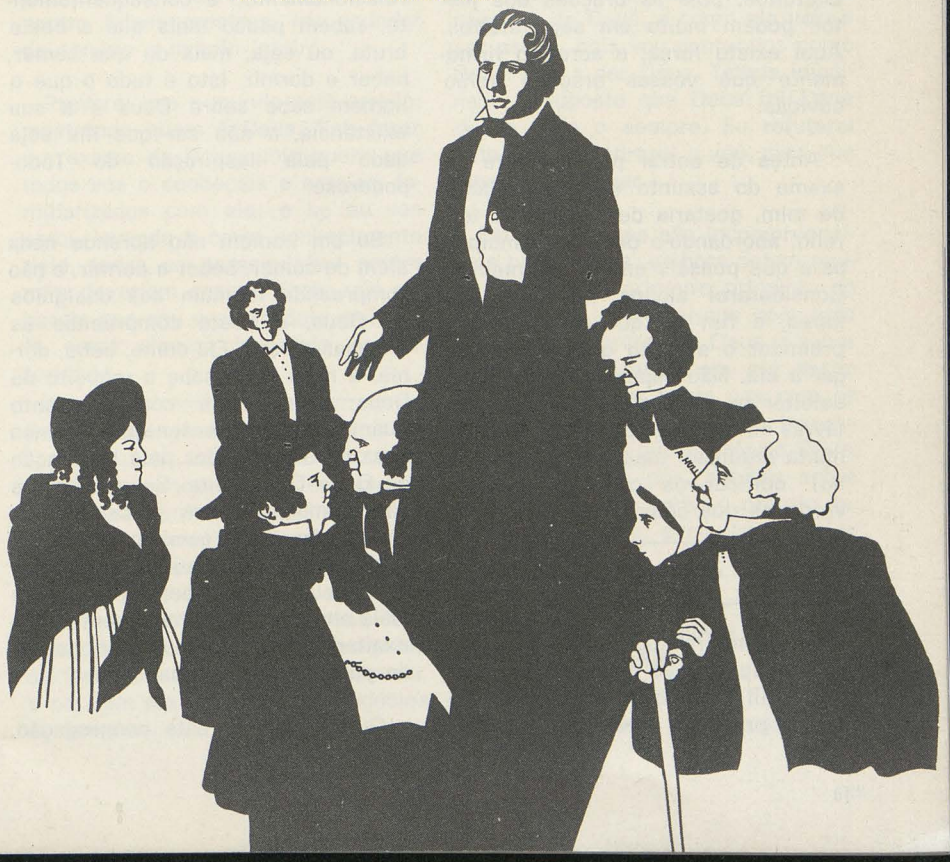
O chamado "Sermão King Follet", um dos clássicos da literatura da Igreja, foi feito pelo Profeta Joseph Smith, a 7 de abril de 1844, na conferência da Igreja realizada em Nauvoo, Illinois, que reuniu aproximadamente vinte mil santos.

O registro do discurso indicava que foi o sermão das exéquias do Élder King Follet, amigo íntimo do Profeta, vitimado num acidente no dia 9 de março. As anotações escritas por extenso foram tomadas por Willard Richards[1], Wilford Woodruff[2], Thomas Bullock[3] e William Clayton[4]. Esta é uma reprodução do texto do Documentary History of the Church, **vol. 6, pp. 302-17, onde encontramos a seguinte nota: "Este não é um registro taquigráfico, porém elaborado cuidadosa e fielmente por esses homens treinados em fazer relatórios e tomar apontamentos.**

Evidentemente, o relato apresenta algumas imperfeições, e alguns pensamentos expressos pelo Profeta que não foram totalmente rematados e completados..."

É preciso notar também que este discurso foi proferido dois meses antes da morte de Joseph Smith. Era uma época em que os inimigos da Igreja mostravam-se extremamente ativos, e o Profeta, indubitavelmente, previa o que estava por acontecer.

A primeira parte do sermão é publicado este mês, devendo a segunda ser incluída no próximo número d'A Liahona.



Queridos santos: Necessitarei da vossa atenção enquanto vos falo a respeito dos mortos. O passamento de nosso caro irmão Élder King Follet, esmagado por uma caçamba de pedras dentro de uma mina, é o motivo mais imediato que me leva a tocar nesse assunto. Fui solicitado a falar por seus amigos e parentes, porém, visto que nesta congregação há muitas pessoas, habitantes desta cidade

como de outras partes, que perderam bons amigos, sinto-me inclinado a falar no assunto de um modo geral, e vos ofereço minhas idéias, na medida da minha capacidade e até onde for inspirado pelo Santo Espírito a me demorar nele.

Preciso de vossas orações e da vossa fé para que eu possa ter a instrução do Deus Onipotente e o dom do Espírito Santo, a fim de poder expor verdades genuínas e que podem ser facilmente compreendidas por vós, e para que o testemunho possa levar ao vosso coração e mente a certeza da veracidade do que vou dizer. Rogai que o Senhor fortaleça meus pulmões, detenha os ventos, e permita que as orações dos santos atinjam os céus, a fim de que entrem nos ouvidos do Senhor dos Exércitos, pois as orações dos justos podem muito em seus efeitos. Aqui existe força, e acredito firmemente que vossas orações serão ouvidas.

Antes de entrar propriamente no exame do assunto que está diante de mim, gostaria de preparar o terreno, abordando-o desde o princípio, para que possais entendê-lo melhor. Considerarei alguns fatos preliminares, a fim de que possais compreender o assunto quando eu chegar a ele. Não espero nem pretendo deleitar os vossos ouvidos com palavras ou oratória supérfluas, ou com muita erudição; mas planejo (tenciono) edificar-vos com as singelas verdades dos céus.

O Caráter de Deus

Em primeiro lugar, desejo voltar ao princípio — ao despontar da criação. É ali o ponto de partida que devemos procurar, para que possamos entender e conhecer plenamente a vontade, os propósitos e os decretos do Grande Eloim, assentado acima dos céus, como estava na criação do mundo. É necessário, de início, que tenhamos uma compreensão do próprio Deus. Se partirmos do ponto certo, será fácil continuar pelo caminho certo todo o tempo; mas, se começarmos errado, continuaremos assim e será muito difícil voltar ao certo.

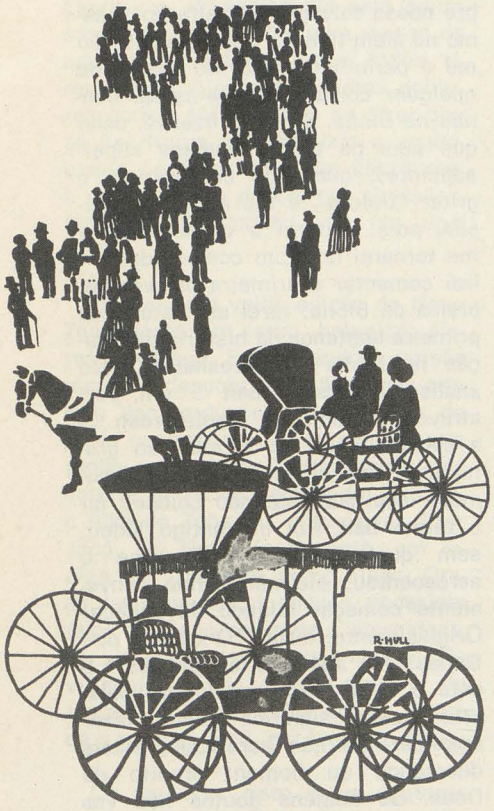
Existem apenas uns poucos seres no mundo que entendem devidamente o caráter de Deus. A grande maioria da humanidade não compreende coisa alguma, seja do que passou ou do que está para vir, no que diz respeito ao seu relacionamento com Deus. Eles não conhecem, nem tampouco entendem a natureza desse relacionamento; e consequentemente, sabem pouco mais que a besta bruta, ou seja, mais do que comer, beber e dormir. Isto é tudo o que o homem sabe sobre Deus e a sua existência, a não ser que lhe seja dado pela inspiração do Todopoderoso.

Se um homem não aprende nada além de comer, beber e dormir, e não compreende nenhum dos desígnios de Deus, a besta compreende as mesmas coisas. Ela come, bebe, dorme, e nada mais sabe a respeito de Deus; assim, ela conhece tanto quanto nós, a não ser que sejamos capazes de entender pela inspiração do Deus Onipotente. Se os homens não compreenderem o caráter de Deus, não compreendem a si próprios. Quero voltar ao princípio e assim elevar vossas mentes a esferas mais altas e a um entendimento mais exaltado que o comumente aspirado pela mente humana.

Quero pedir a esta congregação, a cada homem, mulher e criança, que responda para si próprio à pergunta: Que espécie de ser é Deus? Perguntai a vós mesmos; voltai vossos pensamentos para vosso coração, e dizei se algum de vós já viu, ouviu ou comungou com ele? Esta é uma pergunta que pode ocupar vossa atenção por longo tempo. Volto a repeti-la: Que espécie de ser é Deus? Algum homem ou mulher o sabe? Alguém dentre vós o terá visto, ouvido, ou comungado com ele? Eis o fato que talvez ocupe vossa atenção daqui por diante. As Escrituras informam-nos que "a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste." (João 17:3)

Se qualquer homem não conhece Deus, e indaga que espécie de ser ele é — se procurar diligentemente em seu próprio coração — se a declaração de Jesus e dos apóstolos é verdadeira, ele compreenderá que não tem vida eterna; pois não pode haver vida eterna baseada em nenhum outro princípio.

Meu primeiro objetivo é descobrir o caráter do único Deus sapiente e verdadeiro, e que espécie de ser ele é; e, se eu for tão afortunado de ser o homem que compreende Deus, e de poder explicar ou comunicar os princípios a vossos corações, de modo que o Espírito oş sele sobre vós, então que todo homem e mulher sente-se em silêncio daqui em diante, ponha as mãos sobre a boca e nunca mais levante a mão ou a voz, ou diga qualquer coisa contra o homem de Deus ou os servos de Deus. Mas, se eu fracassar nisto, será meu dever renunciar a qualquer pretensão a mais revelações e inspirações, ou de ser um profeta; e serei então igual ao resto do mundo — um falso



mestre, aclamado como amigo, e nenhum homem buscará minha vida. Mas, se todos os mestres religiosos fossem suficientemente honestos para renunciar a suas pretensões de santidade, quando se torna manifesta sua ignorância no tocante ao conhecimento de Deus, estariam em tão má situação quanto a minha, pelo menos; e vós poderíeis tirar igualmente a vida de outros falsos mestres como a minha. Se qualquer homem está autorizado a tirar-me a vida, porque ele pensa ou afirma que sou um falso mestre, então, baseados no mesmo princípio, estaríamos justificados a tirar a vida de todos os falsos mestres, e onde acabaria o derramamento de sangue? E quem não seria atingido?

O Privilégio da Liberdade Religiosa

Mas não vos metais com qualquer homem por causa da sua religião; todos os governos deveriam permitir que cada pessoa seguisse sua religião, sem ser molestada. Ninguém tem autoridade para matar por diferença de religião, que todas as leis e governos deveriam tolerar e proteger, certas ou erradas. Todo homem possui o direito natural e, em nosso país, o direito constitucional, de ser um falso profeta bem como um profeta verdadeiro. Se eu provar, verdadeiramente, que tenho a verdade de Deus e também que noventa e nove de cada cem ministros religiosos professos são falsos mestres sem nenhuma autoridade, embora pretendam possuir as chaves do reino de Deus na terra, e fosse matá-los por serem falsos mestres, iria inundar de sangue o mundo inteiro.

Provarei que o mundo está errado, mostrando quem é Deus. Vou fazer um exame de Deus, pois quero que todos vós o conheçais e estejais familiarizados com ele; e se eu vos estou levando a certo conhecimento dele, todas as perseguições contra mim deveriam cessar. Então vós sabereis que sou o servo dele, pois falo como alguém investido de autoridade.

Deus — Um Homem Exaltado

A fim de mostrar que espécie de ser é Deus, voltarei ao princípio, antes que o mundo existisse. Que tipo de ser era Deus no início? Abri vossos ouvidos e coração, ó vós, confins da terra, pois vou provar-vos isto pela Bíblia, e contar-vos os desígnios de Deus em relação à raça humana, e por que ele interfere nos negócios do homem.

O próprio Deus já foi como somos agora — ele é um homem exaltado, entronizado em céus distantes! Este é o grande segredo. Se o véu se rompesse hoje, e o grande Deus que mantém este mundo em sua órbita, e que sustenta todos os mundos e todas as coisas por seu poder, se fizesse visível — digo, se vós pudésseis vê-lo hoje, vós o veríeis em forma de homem — como vós em toda pessoa, imagem e na própria forma de um homem; pois Adão foi criado à própria figura, imagem e semelhança de Deus, e dele recebia instruções e com ele andava, falava e conversava, exatamente como um homem fala e conversa com outro.

A fim de entendermos a questão dos mortos, para consolo dos que choram a perda de amigos, é necessário que entendamos o caráter e a natureza de Deus, e como ele veio a ser assim, pois vou contar-vos como Deus veio a ser Deus. Temos imaginado e suposto que Deus foi Deus desde todo o sempre. Eu refutarei esta idéia e retirarei o véu, para que possais enxergar.

Estes conceitos são incompreensíveis para alguns, embora sejam muito simples. O primeiro princípio do Evangelho é conhecermos com toda a certeza o caráter de Deus e saber que podemos falar com ele assim como os homens falam uns com os outros, e que ele já foi um homem como nós; sim, que o próprio Deus, o Pai de todos nós, habitou sobre uma terra, assim como o próprio Jesus Cristo o fez; e eu vou prová-lo pela Bíblia.

Vida Eterna — Conhecer a Deus e a Jesus Cristo

Desejaria estar num lugar apro-

priado para dizê-lo, e dispor da trombeta de um arcanjo, de modo que possa contar a história de tal maneira, que a perseguição cessasse para sempre. O que disse Jesus? (Tome nota, Élder Rigdon!) As Escrituras informam-nos que Jesus disse que, como o Pai tem poder em si mesmo, da mesma forma deu também poder ao Filho — para fazer o quê? Ora, o mesmo que fez o Pai. A resposta é óbvia — de certo modo, dar a vida e tornar a tomá-la. Jesus, o que irás fazer? Vou dar a minha vida como meu Pai fez, e tomá-la novamente. Acreditais nisto? Se não crerdes nisto, não credes na Bíblia. As Escrituras é que o afirmam, e eu desafio toda a sabedoria e conhecimento e mais todos os poderes combinados do inferno e da terra que o refutem. Aqui, então, está a vida eterna — conhecer o único Deus sábio e verdadeiro; e vós tereis que aprender como tornar-vos deuses vós mesmos, e como serdes reis e sacerdotes para Deus, da mesma forma como todos os deuses fizeram antes de vós, isto é, passando de um pequeno degrau para outro, de uma capacidade menor para outra maior; de graça em graça, de exaltação em exaltação, até que consigais ressuscitar os mortos e sejais capazes de habitar os fulgores eternos e de assentar-vos em glória, como aqueles que estão entronizados em poder infinito. E quero que saibas que Deus, nestes últimos dias, enquanto certos indivíduos estão proclamando seu nome, não está brincando comigo ou convosco.

Os Justos Habitarão os Fulgores Eternos

Estes são os primeiros princípios de consolo. Quão consolador não é para os enlutados, quando se separam do marido, mulher, pai, mãe, filho ou querido parente, saber que, embora o tabernáculo terreno seja abandonado e decomposto, eles ressuscitarão novamente para habitar nos fulgores eternos, em glória imortal, não para afligir-se, sofrer ou morrer ainda, mas para serem herdeiros de Deus e co-herdeiros com Jesus Cristo. O que significa isto? Herdar o mesmo poder, a mesma glória e a mesma exaltação, até que atinjais a condição de um deus e ascendais ao torno de poder eterno, como os que já vos antecederam. O que fez Jesus? Ora, eu faço as coisas que vi meu Pai fazer, quando os mundos surgiram. Meu Pai construiu seu reino com temor e tremor, e tenho que fazer o mesmo; e quando eu conseguir meu reino, apresentalo-ei ao meu Pai, a fim de que ele possa obter reino sobre reino, e isto o exaltará em glória. Ele então tomará uma exaltação maior e eu ocuparei o seu lugar, tornando-me assim também exaltado. De modo que Jesus segue as pegadas de seu Pai, e herda o que Deus fez antes; e assim Deus é glorificado e exaltado na salvação e exaltação de todos os seus filhos. É tão evidente, que não admite refutações, e assim aprendeis alguns dos primeiros princípios do Evangelho, acerca dos quais tanto se fala.

Quando galgais uma escada, sois obrigados a começar de baixo e subir degrau por degrau, até chegar ao alto; o mesmo acontece com os princípios do Evangelho — deveis começar com o primeiro, e ir continuando até que tenhais aprendido todos os princípios de exaltação. Mas ainda levará bastante tempo depois de terdes passado pelo véu, até que os tereis aprendido. Nem tudo é para ser compreendido neste mundo; será um trabalho árduo aprendermos sobre nossa salvação e exaltação, mesmo no além túmulo. Suponho que não me é permitido entrar no exame de qualquer coisa que não esteja contida na Bíblia. Se eu o fizesse, acho que aqui há tantos homens supersapientes, que logo começariam a gritar "traição" e me matariam. Assim, pois, voltarei à velha Bíblia e me tornarei hoje um comentador.

Irei comentar a primeira palavra hebraica da Bíblia; farei um estudo da primeira sentença da história da criação na Bíblia — **berosheit.** Quero analisar a palavra: **bait** = em, por, através e assim por diante; **rosh** = a cabeça; **sheit** = terminação gramatical. Quando foi escrito pelo homem inspirado, ele não colocou ali o termo **bait.** Foi um antigo judeu, sem qualquer autoridade, que o acrescentou; ele não achou conveniente começar falando da cabeça! Originalmente, dizia: "O cabeça dos Deuses fez aparecer os Deuses." É este o verdadeiro sentido das palavras. **Baurau** significa causar, fazer aparecer. Se não acreditais, estais descrendo do homem erudito de Deus. Os homens doutos não vos poderiam ensinar mais do que eu estou falando. Assim, o Deus principal fez aparecer os Deuses no grande conselho.

Vou transportar isto para a língua inglesa e simplificá-lo. Oh, vós, advogados, doutores e sacerdotes que me tendes perseguido, quero que saibais que o Espírito Santo conhece alguma coisa tão bem quanto vós. O Deus principal convocou os Deuses e com eles assentou-se em grande conselho para fazer aparecer o mundo. Os grão-conselheiros, sentados ao lado do cabeça, contemplaram a formação dos mundos que foram criados naquele tempo. Quando falo de doutores e advogados, refiro-me aos doutores e advogados das

Escrituras. Prossegui até este ponto sem uma explicação, para deixar os advogados confundidos e todos rirem deles. Alguns dos cultos doutores podem ter o desejo de dizer que as Escrituras afirmam isto e aquilo, e que devemos crer nas Escrituras, e que elas não devem ser alteradas. Mas eu irei mostrar-vos um erro nelas.

Possuo uma velha edição do Novo Testamento em latim, hebraico, alemão e grego. Estive lendo a versão alemã e descobri que é a mais correta das traduções, e que mais de perto corresponde às revelações que tenho recebido de Deus nos últimos catorze anos. Ali se fala de Jacobus, o filho de Zebedeu, o que quer dizer Jacó. No Novo Testamento, em inglês, foi traduzido como Tiago. Ora, se Jacó tivesse as chaves, poderíeis falar de Tiago por toda a eternidade, sem nunca conseguir tais chaves. No versículo 21 do quarto capítulo de Mateus, a minha velha edição alemã dá a palavra Jacó, em lugar de Tiago.

Os doutores (isto é, os doutores da lei, não os médicos) dizem: "Se pregares qualquer coisa que não esteja de acordo com a Bíblia, gritaremos traição." Como poderemos escapar da condenação do inferno, a não ser que Deus esteja conosco e nos dê revelações? Os homens nos agrilhoam com correntes. A versão latina diz Jacobus, que quer dizer Jacó; a em hebreu fala em Jacó, a grega diz Jacó e a alemã traz Jacó; aqui temos o testemunho de quatro contra um. Graças dou a Deus por ter este velho livro; mais ainda lhe agradeço pelo dom do Espírito Santo. Eu consegui o livro mais antigo do mundo; mas tenho o livro mais antigo no coração, mesmo o dom do Espírito Santo. Tenho todos os quatro Testamentos. Vinde aqui, o vós, homens letrados e lede-os, se puderdes. Eu não teria apresentado este testemunho, se não fosse para defender a questão da palavra **rosh** — a cabeça, o Pai dos Deuses. Não o teria trazido à baila somente para mostrar que estou certo.

Um Conselho dos Deuses

No princípio, o cabeça dos Deuses convocou um conselho dos Deuses; e estes se reuniram e engendraram (prepararam) um plano para criar o mundo e povoá-lo. Quando começamos a aprender desta maneira, começamos a conhecer o único Deus verdadeiro e a que espécie de ser temos que adorar. Possuindo um conhecimento de Deus, começamos a saber como aproximarmo-nos dele e como pedir para que recebamos uma resposta.

Quando entendemos o caráter de Deus, e sabemos como chegar a ele, ele começa a nos desvendar os céus e a nos falar sobre eles. Quando estamos prontos a ir a ele, ele está pronto para vir a nós.

Agora, pergunto a todos os que me ouvem, por que os homens doutos que pregam a salvação, dizem que Deus criou os céus e a terra do nada? A razão é que eles são ignorantes nas coisas de Deus, e não têm o dom do Espírito Santo; eles consideram blasfêmia se alguém contradiz suas idéias. Se lhes dizeis que Deus fez o mundo a partir de alguma coisa, eles vos chamarão de parvos. Mas eu sou informado e sei mais do que todo o mundo reunido. Em última instância, o Espírito Santo sabe, e ele está dentro de mim e compreende mais do que o mundo inteiro; e eu me associarei com ele.

Significado da Palavra Criar

Se perguntardes aos cultos doutores por que afirmam que o mundo foi feito do nada, eles responderão: "Acaso não diz a Bíblia que ele **criou** o mundo?" Eles inferem do verbo criar que deve necessariamente ter sido feito do nada. Bem a palavra criar provém do termo **baurau,** que não significa criar do nada; quer dizer organizar; a mesma coisa como se o homem organizasse materiais e construísse um navio. Dali, deduzimos que Deus dispunha de materiais para organizar o mundo dentre o caos — matéria caótica, que é elemento, e no qual habita toda a glória. O elemento existe, desde que ele próprio (Deus) existe. Os puros princípios de elemento são princípios indestrutíveis; eles podem ser organizados e reorganizados, mas nunca destruídos. Eles não tiveram início e não poderão ter fim.

(A ser concluído)

1. **Willard Richards — Nasceu em 1804, faleceu em 1854, apóstolo e conselheiro na Primeira Presidência; estava com o Profeta Joseph Smith na Cadeia de Carthage, mas escapou ileso.**
2. **Wilford Woodruff — Quarto presidente da Igreja, 1807-1898.**
3. **Thomas Bullock — Secretário do acampamento militar organizado por Brigham Young, quando os santos partiram para o Oeste.**
4. **William Clayton — Nascido na Inglaterra, em 1814, faleceu em 1879. Inventou um instrumento para medir a distância percorrida pelos carroções e foi autor do hino: "Vinde Ó Santos".**

Normas e Procedimentos

Os Missionários e o Programa Atlético da Igreja. Os programas de atletismo da Igreja **em circunstância alguma** estão abertos aos missionários de proselitismo de tempo integral. Isto se aplica aos jogos-treino nos ramos-alas, estacas, distritos e qualquer jogo de torneio. Esta restrição que proíbe a participação de missionários de tempo integral também se aplica à função de treinador e atividades correlatas.

Para os Élderes. Chamamos a atenção dos irmãos para os casos esporádicos em que certos élderes executam determinadas ordenanças, proferindo apenas as palavras essenciais, sem acrescentar qualquer bênção adicional. Uma ordenança deve ser feita de modo mais impressivo, não recorrendo a orações prolongadas, mas por meio de breves palavras de bênção, conselho, instrução, admoestação e orientação, ditadas pelo Espírito e que dêem maior significado aos meros requisitos da ordenança. A confirmação, por exemplo, poderia dar ênfase para à pessoa recém batizada ao precioso dom do Espírito Santo. Uma bênção adicional também é desejável, ao se dar um nome às crianças, nas ordenações e designações do Sacerdócio e no selamento da unção dos enfermos.

Ordenação de Rapazes. Os irmãos que estão para ser ordenados a qualquer ofício do Sacerdócio, devem estar presentes na reunião em que seus nomes são apresentados para o voto de apoio, devendo ainda sentar-se nos bancos da frente, onde podem ser vistos com facilidade.

Quem Preside e Quem Deve Receber o Sacramento em Primeiro Lugar nas Reuniões da Ala. Nas reuniões da ala como do Sacerdócio, Escola Dominical e sacramental, o bispo é o oficial presidente. Na sua ausência quem preside é o primeiro conselheiro, e na ausência de ambos, o segundo. Se uma Autoridade Geral ou um membro da presidência da estaca visita a ala, o membro do bispado conduz a reunião sob a direção da autoridade superior visitante. Um sumo conselheiro que visita a ala como representante oficial da presidência da estaca não assume a autoridade de presidência do bispo.

O sacramento deve ser oferecido primeiro à mais alta autoridade da Igreja presente na tribuna, e depois passado aos demais de forma ordenada. Um sumo conselheiro em visita à ala como representante oficial da presidência da estaca e sentando na tribuna, deve ser reconhecido, oferecendo-se-lhe o sacramento em primeiro lugar, a não ser que esteja presente na tribuna uma Autoridade Geral ou um membro da presidência da estaca. Não será preciso reconhecer a presença de um sumo conselheiro, quando este comparecer à própria ala de forma não-oficial, embora não exista objeção a que tal cortesia lhe seja feita.

Autoridades Gerais visitantes e membros da presidência da estaca devem ser sempre convidados a sentarem-se na tribuna.

Propaganda Comercial nos Prédios da Igreja. Temos informação de que cartazes de publicidade comercial têm sido colocados em alguns prédios da Igreja. As queixas mais frequentes contra tal prática prendem-se à propaganda de excursões áereas ou rodoviárias a sítios históricos, espetáculos ou conferências da Igreja. A presença de tal propaganda em recintos da Igreja sugere enganosamente um endosso da promoção de sua parte. Como a Igreja não patrocina ou favorece qualquer empreendimento ou produtos comerciais, solicitamos que, daqui por diante, não se permita a colocação de qualquer publicidade comercial em seus prédios.

Um Coro em Cada Ala. Chamamos a atenção dos bispos e presidentes de ramos para a página 180 do **Manual Geral de Instruções,** onde se lê:

> O coro da ala é o conjunto oficial de canto das reuniões sacramentais e deverá apresentar-se regularmente nessas reuniões. Funciona sob a direção do bispo que é responsável pela organização e manutenção desse coro, além de providenciar que disponha de horário e local adequados para os ensaios semanais.
>
> Deve haver um coro em cada ramo e ala, constantemente incentivado pelo bispado ou presidência do ramo.

Responsabilidade dos Secretários Executivos Quanto às Subscrições A Liahona. O secretário executivo da estaca (ou missão ou distrito) deverá ser encarregado de auxiliar a direção do programa de subscrição A Liahona, não devendo, contudo, ser designado como representante. Ele colaborará com o representante A Liahona da estaca na medida do necessário, dando-lhe a ênfase precisa, para que o programa seja bem sucedido, cabendo-lhe manter o presidente da estaca conhecedor do seu andamento.

O secretário executivo da ala (ou ramo) terá função semelhante. Toda ala e ramo devem ter um competente representante de A Liahona, além de um ou mais assistentes, segundo as necessidades, para o funcionamento adequado do programa.

O Colchão de Penas

Mary Pratt Parrish

Tommy e Betsy mostravam-se excitados e contentes com a viagem para o Oeste.

— É quase como sair para um piquenique, — dizia Betsy.

— Seria, se não estivesse tão frio, — replicou Tommy, aconchegando-se no colchão de penas que o pai estendera sobre os suprimentos no fundo do carroção. Era como aninhar-se num travesseiro gigante. A maciez e leveza das penas mantinha as crianças aquecidas e abrigadas, apesar do vento cortante e da nevasca. O frio era tanto, que já se formava gelo nas bordas da cobertura do carroção.

A estrada estava coberta por escorregadia lâmina de gelo, e quando chegaram ao forte declive junto ao rio, o pai chamou os garotos:

— É melhor vocês descerem do carroção. A pé será mais seguro.

Tommy e Betsy detestaram a idéia de abandonar o calorzinho gostoso do colchão de penas, porém nada disseram. Prontamente desceram do carroção e, enfrentando a ventania com a cabeça abaixada, caminharam o resto da descida até as margens do rio. Enquanto esperavam a chegada do pai e da mãe, começou a saraivar. As pedras de granizo eram tão grandes, que Tommy e Betsy sentiam-se como se estivessem chovendo balas de fuzil. A menina estava assustada e ambos começaram a sentir-se gelados. Então Tommy sugeriu:

— Vamos pular bem alto e rir do granizo. Pelo menos, isto servirá para nos aquecer.

E foi assim que os pais os encontraram — rindo e caçoando da saraivada.

Quando Tommy e Betsy viram o pai conduzindo os bois assustados, e a mãe ao lado dele, procurando proteger sua cabeça do granizo com uma frigideira, ficaram contentes de terem sido encontrados rindo, em lugar de chorando. Subiram alegremente para o fundo da carroça, e mais uma vez, aninharam-se no aconchego do colchão de penas.

Instantes depois, Tommy ergueu uma ponta da cobertura e espiou lá fora. Para surpre-



Era como aninhar-se num travesseiro gigante. A maciez e leveza das penas mantinha as crianças aquecidas e abrigadas, apesar do vento cortante e da nevasca.

sa sua, viu carroções aproximando-se de todos os cantos da cidade.

— Como será que vão conseguir atravessar o rio? — matutou em voz alta. — A balsa está presa no gelo!

O pai, que naquele momento se aproximava do carroção, ouviu as palavras do menino e respondeu:

— Atravessaremos o rio pela ponte providenciada por nosso Pai Celestial — uma ponte de gelo de mais de um quilômetro de comprimento.

Tommy esticou os olhos até a margem oposta. Como ficava distante! Será que um rio tão largo assim poderia congelar, formando uma camada sólida bastante para suportar aqueles pesados carroções cobertos? Tremia de medo em pensar que, quando o pai levasse a carroça para o gelo, este se romperia. Mas não foi assim! Tommy e Betsy suspiraram de alívio, quando viram um carroção após outro segui-los, até que havia um comboio inteiro atravessando vagarosamente o largo rio. O gelo estava firme!

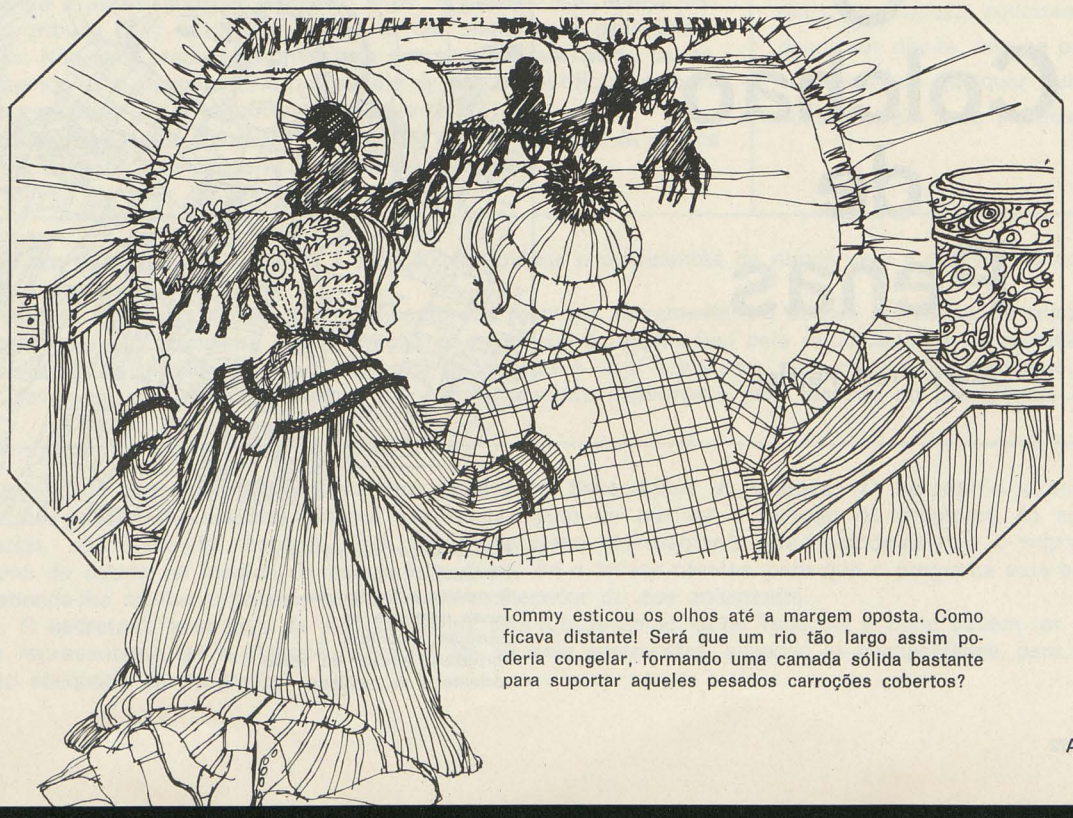
Por um momento, tudo era silêncio, e veio-lhes ao coração a certeza de que o Pai Celestial os amava de verdade e que cuidaria deles e os protegeria durante a marcha para o Oeste. Foi então que uma das mulheres começou a cantar, logo acompanhada por outros. E o canto continuou, até que a caravana chegou ao **Sugar Creek.** (Arroio Doce. N. do T.).

Sugar Creek fora o lugar escolhido onde os santos esperavam acampar até o tempo melhorasse. O pessoal que havia chegado na semana anterior, ouvindo de longe a cantoria, se pôs a acender fogueiras — uma porção delas — para dar as boas-vindas aos viajantes e estes poderem aquecer-se assim que chegassem. Tommy e Betsy ficaram muito agradecidos pelas fogueiras. Puseram-se junto de uma das mais próximas, virando-se de lá para cá, até estarem "tostadinhos" de todos os lados. Tommy foi o primeiro a sair de junto do fogo para ajudar o pai a tratar da junta de bois e ordenhar a vaca.

— Betsy, — chamou a mãe, — por favor, vá pegar uma forma de pão lá na caixa para comermos com leite.

O pão estava congelado, duro como pedra. A mãe tentou cortá-lo com a faca; depois, parti-lo com o martelo, mas apenas conseguiu divertir a garota. Quando chegou o pai com o balde de leite, ele disse:

— Vou pegar o serrote, — e todos caíram na risada, quando o viram procurar cortar a pequena forma de pão com seu enorme serrote. Ele afinal conseguiu partir uns pedacinhos que as crianças puseram dentro do leite quente.



Tommy esticou os olhos até a margem oposta. Como ficava distante! Será que um rio tão largo assim poderia congelar, formando uma camada sólida bastante para suportar aqueles pesados carroções cobertos?

Naquela noite, ao se aconchegarem novamente no colchão de penas, Tommy e Betsy ficaram pensando em tudo o que havia acontecido durante o dia. A menina lembrou-se da gatinha, da cadeira com o largo encosto arredondado e do velho relógio que haviam ficado em Nauvoo. Mentalmente, podia ouvir o relógio dizer: "Durma, Betsy, durma, Betsy." Exatamente como costumava fazer. E logo Betsy caiu no sono.

Com Tommy foi diferente. Pensou nos homens maus que os haviam forçado a sair de Nauvoo, desejando que eles não os seguissem para o Oeste. Quanto mais pensava, menos conseguia adormecer. Por estar tão desperto, ouvia todos os ruídos do acampamento. Parecia que uma porção de gente andava de carroção em carroção. Depois, ele ouviu a lona congelada estalar, quando o pai ergueu uma ponta do toldo e disse:

— Tommy, Betsy, acordem!

O garoto levantou-se no mesmo instante.

— Aconteceu alguma coisa? — indagou.

— A Irmã Johnson acaba de ter um bebê, uma garotinha, — respondeu o pai. — O colchão de penas ajudaria a manter aquecidos a mãe e o bebê nessa noite de frio cortante.

Nessas alturas, Betsy também estava acordada, e as duas crianças ajudaram o pai a tirar o colchão do fundo da carroça. Em seguida, o pai enrolou Betsy nuns acolchoados e ela tornou a dormir.

Tommy estava por demais excitado para ter sono. Ficou parado junto ao fogo que ardia alegremente. Esteve ali apenas um ou dois minutos, quando viu a mãe descer do carroção da Irmã Johnson carregando o bebê.

— Daqui a pouco, o colchão de penas já estará arrumado, e então a poremos ao lado da mãe onde ficará bem abrigada e aquecida, — ela falou. — Mas enquanto isso, está menos frio aqui fora junto à fogueira do que dentro do carroção.

Tommy olhou para a camada de gelo sobre o toldo do carro e sabia que mamãe estava com a razão.

Na manhã seguinte, quando ele e Betsy perguntaram do bebê, a mãe respondeu:

— Em lugar de um bebê só, nasceram nove durante a noite!

— Nove bebês! — Tommy e Betsy mal podiam acreditar no que ouviram. A mãe olhou um e outro e disse meigamente:

— Sei que pelo menos um desses bebês está passando muito bem, porque duas crianças bondosas cederam seu precioso colchão de penas para mantê-lo aquecido.

Tommy e Betsy olharam-se sorridentes, sentindo uma cálida felicidade dentro do coração.



Depois, ele ouviu a lona congelada estalar, quando o pai ergueu uma ponta do toldo e disse:

"Tommy, Betsy, acordem!" O garoto levantou-se no mesmo instante.

"Aconteceu alguma coisa?" indagou.

NÉFI

Uma história do Livro de Mórmon contada por Mabel Jones Gabbot.

Néfi escutou o resmungar dos irmãos Lamã e Lemuel. Estes reclamavam, porque seu pai, Léhi, resolvera sair de Jerusalém. Ele procurara explicar-lhes que a importante cidade seria destruída, mas os filhos não acreditavam que tal poderia acontecer.

Néfi era mais moço que Lamã e Lemuel. Depois de ouvir as palavras do pai, foi procurar o Senhor em oração, porque desejava compreendê-las. E o Senhor visitou Néfi, tocando seu coração, de modo que acreditou em tudo o que seu pai dissera. Néfi contou ao irmão menor, Sam, tudo o que vira e ouvira, e Sam também acreditou. Lamã e Lemuel não quiseram perguntar ao Senhor por si mesmos, e nem tampouco crer nas palavras de Léhi ou de Néfi.

Então, Léhi disse aos filhos que o Senhor queria que voltassem a Jerusalém, à casa de Labão, que possuía os anais dos judeus e a genealogia de seu povo gravados em placas de latão. Ele os instruiu a irem à casa de Labão e trazer aqueles registros para o deserto.

Quando Lamã e Lemuel ouviram isto, voltaram a murmurar e a se queixar que o pai lhes pedia uma tarefa muito difícil. Léhi replicou que não se tratava de uma ordem dele, mas de um mandamento do Senhor. Depois, voltando-se para Néfi, disse:

— Vai, meu filho, e serás favorecido pelo Senhor, pois que não tens murmurado.

Néfi respondeu:

— Eu irei, pois sei que o Senhor nunca me pediria para fazer qualquer coisa sem preparar um meio de ajudar-me.

Néfi e os irmãos voltaram a Jerusalém, indo para a casa de Labão.

Lamã foi escolhido para conversar com Labão, mas quando o fez, Labão zangou-se e o expulsou de sua casa. Lamã e Lemuel então quiseram voltar ao acampamento do pai, mas Néfi sugeriu que, em lugar disso, fossem à casa em que haviam vivido e pegassem os objetos preciosos que haviam deixado lá, oferecendo-os a Labão em troca dos registros. Labão aceitou as riquezas, mas não entregou os registros, mandando que seus servos perseguissem os rapazes para matá-los, mas estes conseguiram ocultar-se numa caverna.

Lamã e Lemuel ficaram tão zangados, que açoitaram Néfi e Sam com varas. Enquanto assim faziam, apareceu um anjo do Senhor que disse:

— Voltai a Jerusalém, e o Senhor entregará Labão em vossas mãos.

Com descrença, disseram Lamã e Lemuel:

— Como isso seria possível? Labão é homem poderoso e tem cinquenta servos.

Néfi, contudo, insistiu:

— Voltemos a Jerusalém, pois o Senhor é mais poderoso que o mundo inteiro e mais forte que todos os homens de Labão reunidos.

Chegando a noite, os irmãos foram para Jerusalém, ocultando-se do lado de fora das muralhas. Néfi penetrou na cidade e aproximou-se da casa de Labão. Entrando cautelosamente no jardim, viu Labão caído ao solo, completamente embriagado.

O Espírito ordenou a Néfi que tomasse a espada de Labão e o matasse. Ele, porém, disse em seu coração:

— Nunca fiz correr sangue humano, — ao que o Espírito replicou:

— O Senhor destrói os iníquos para que sejam cumpridos seus justos desígnios. É melhor que morra um homem do que deixar que uma nação inteira degenere e pereça em incredulidade.

Néfi, então, pegou a espada de Labão, e com ela decepou-lhe a cabeça. Depois, vestiu-se com as belas roupas de Labão, colocou sua espada e armadura e entrou na casa.

Ordenou a um servo que fosse buscar os registros sagrados e os levasse aos irmãos que esperavam junto à muralha. Aquele servo se chamava Zoram e obedeceu prontamente, pois achou que Néfi era Labão. Néfi, mais tarde, prometeu-lhe a liberdade, se os acompanhasse à terra prometida.

Assim, Néfi e seus irmãos voltaram em segurança para o acampamento do pai no deserto, levando as placas de latão e Zoram, o ex-servo de Labão.



O Amigo de Marcos

Mary M. Cardon

Esta é uma história que poderia ter acontecido, embora não existam provas de que Marcos realmente tenha vivido durante o tempo em que Jesus esteve aqui na terra.

Por favor, pai, — implorou Marcos, — posso dormir só um pouquinho mais tarde?

O pai surpreendeu-se com a grande emoção na voz do garoto e seu olhar ansioso. Contudo, entendia aquele desejo intenso do menino.

Era a época da Páscoa em Jerusalém, quando os judeus comemoravam festivamente a lembrança da bondade de Deus para com eles. Numa sala ampla no andar superior, Jesus e seus discípulos estavam reunidos na ceia pascal.

— Mas pode ficar tarde, até que Jesus e seus amigos saiam, — observou o pai, bondosamente.

— Não faz mal, — disse Marcos. — Não me importo se apenas posso olhar só mais uma vez para Jesus — uma vez só, pai.

Seu pai balançou a cabeça, consentindo.

Talvez não demorem muito mais, pensou Marcos, ao acomodar-se confortavelmente aos pés da escada. Esperou, esperou. Estava tudo tão quieto, exceto o sussurar distante de vozes lá em cima.



O menino recordou o sorriso radiante como o sol que recebera de Jesus uns poucos dias antes. Marcos estivera entre a multidão de crianças e pessoas adultas que haviam recebido Jesus jubilosamente, quando entrou em Jerusalém. Estava montado num pequeno e dócil jumento, e Marcos com as outras crianças haviam juntados flores e folhas de palmeira para espalhar diante dele. E Jesus sorrira, agradecendo.

Esperando na noite silenciosa, Marcos pensou em todas as histórias que ouvira a respeito de Jesus. Sabia intimamente que eram verídicas; que a garotinha rica voltara a viver; que Simão, o leproso, havia sido curado e limpo; e que o mendigo cego em Jericó recobrara a visão.

Subitamente, a porta da sala de cima foi aberta. Marcos ergueu-se esperançoso, mas apareceu apenas um homem — o que chamavam de Judas, e que tinha a voz dura e olhar sombrio. Marcos ouviu-o resmungar: "Ora, faze-o depressa!", enquanto descia as escadas, correndo. E logo desapareceu dentro da noite.

Não ouvia mais ruído algum lá de cima. Marcos continuou esperando e escutando. Na casa, reinava um silêncio tranquilo. Encostou a cabeça num dos degraus para descansar um momento e logo adormeceu. O pai viu o garoto adormecido ali na escada, mas sabendo o quanto Marcos queria ver Jesus, afastou-se quietamente, deixando o menino esperar um pouco mais.

Não demorou e abriu-se a porta de cima. A luz caiu sobre o rosto de Marcos e despertou-o. Quando os convivas começaram a descer a escada, ele levantou-se. Jesus, que vinha à frente dos onze discípulos, parou para falar com o pai de Marcos e depois, voltando-se para o menino, lançou-lhe um olhar profundo e demorado. Marcos sorriu. Intensa paz e um

Jesus, que vinha à frente dos onze discípulos, parou para falar com o pai de Marcos e depois, voltando-se para o menino, lançou-lhe um olhar profundo e demorado.



amor indescritível irradiados por Jesus preencheram todo o seu ser. Que bom ter esperado!

Mais tarde, ao se preparar para dormir, tentou evitar qualquer barulho que pudesse perturbar os que já estavam recolhidos. Mas, repentinamente, a casa inteira foi tomada de ruídos. Homens carregando bastões e tochas acesas, além de soldados armados andavam por toda a parte, gritando e vasculhando a casa.

— Lá em cima, no cenáculo, gritou uma voz, logo reconhecida por Marcos. Era Judas.

O pai de Marcos e os servos chegaram correndo.

— Estão procurando Jesus, — lamentou-se o menino.

— E podes estar certo de que o pegaremos, — respondeu rudemente um dos homens.

Vasculharam canto por canto, deixando confusão e desordem por onde passavam. Finalmente, depois de andarem por tudo, um grandalhão disse enraivecido:

— Bem, aqui não está — e voltando-se para Judas: — E agora, seu velhaco?

Marcos percebeu a hesitação de Judas antes de murmurar:

— No Getsêmani. É onde costuma orar.

Esquecendo-se de que já se despira e usava somente a roupa de dormir, Marcos saiu correndo para o Monte das Oliveiras, para o pequeno Jardim de Getsêmani. Ia disparado pelas ruelas estreitas e passagens escuras de Jerusalém, sem fazer ruído algum com seus pés descalços. Fora da cidade, voltou-se para o sul, atravessou a ponte de pedra sobre o Rio Cedron, e continuou pela estrada, abrindo caminho entre as pequenas oliveiras.

Os discípulos que haviam estado cochilando sobressaltaram-se, quando repentinamente, Marcos surgiu no bosque. Falando com voz ofegante, contou-lhes acerca dos homens à procura de Jesus na casa paterna, e como viera correndo, a fim de preveni-lo, antes de os soldados chegarem ao horto.

— Vocês precisam ajudá-lo, — gritou Marcos. — Os soldados estão vindo para cá. Eles já saíram da casa de meu pai, e o homem que os dirige sabe que Jesus está aqui. Oh, por favor, ajudem-no!

— Nós diremos a ele, pequeno, — disse um dos amigos de Jesus. — Mas, se o perigo está próximo, agora é melhor que você volte para junto de seu pai e a segurança de casa. Vá depressa e não se demore pelo caminho.

Marcos voltou para casa, porém não houve sono para ele durante o resto da noite. No dia seguinte inteirinho, sentiu-se profundamente acabrunhado. Muita gente vinha procurar o pai, falando com ele aos sussurros, com expressão preocupada. Quando Marcos procurou saber o que havia, o pai respondeu-lhe:

— Não se aflija, Marcos. Tudo acabará bem.

Mas como alguma coisa poderia estar bem, se Jesus se fora? Quando ele estava presente, contando histórias, a vida parecia uma canção. De alguma forma, o domínio dos soldados não pesava tanto quando Jesus estava por perto. **Por que tinham que crucificá-lo e depois deixá-lo num sepulcro?,** o garoto perguntava a si mesmo. Seu mundo inteiro parecia ter ruído.

Passou-se mais um dia, e terminou o Sabá. E então raiou o primeiro dia da semana. Marcos notou a mudança, assim que abriu os olhos. Um raio de sol caía sobre seu catre, mostrando partículas de pó dançando por onde passava. O garoto pulou da cama e correu para a janela. O mundo resplandecia numa nova luminosidade, o ar estava limpo e claro. Todo o peso que carregara consigo nos últimos dias havia desaparecido.

Deve ter acontecido algo maravilhoso, pensou Marcos. Recordou a tristeza dos dias passados, mas, mesmo essa lembrança se fora com a imensa alegria que inundava seu coração. **Jesus voltou,** pensou. **Seu amor e a sua paz estão novamente aqui. Somente Jesus poderia fazer com que me sinta assim.**

Vestiu-se num piscar d'olhos e correu para junto do pai que conversava com dois homens no jardim murado. Marcos reconheceu-os como discípulos de Jesus. Além deles estavam ali mais três mulheres. Marcos escutava-os em silêncio, sem quase respirar, para poder captar todo o júbilo com que falavam.

— Ele está vivo. Nós o vimos.

— E mandou que contássemos aos seus discípulos.

— Ele ressuscitou como disse que faria.

Ele vive!, disse Marcos de si para si. **Ele vive. Eu o soube no momento em que acordei. E nunca mais alguém poderá afastá-lo de mim.**

Mais do que Imaginamos

Marion D. Hanks



Ontem à noite, enquanto dirigia o carro a caminho do hospital, para visitar minha irmã gravemente enferma, voltei a pensar na designação de redigir este artigo, dando-me conta de que chegava ao fim o prazo concedido. Lá no hospital, vivi uma tocante aventura espiritual, que forneceu dimensão ao que eu pretendia dizer-lhes. Num dos quartos, encontrei uma maravilhosa família congregada em torno da cama da esposa e mãe muito doente, em plena reunião familiar. Um dos excelentes filhos, recém-chegado de sua missão em outro país, falava de suas experiências, mostrando alguns "slides" na parede do quarto do hospital. E eu tive o privilégio de poder participar.

Ao chegar em casa, meus próprios familiares se juntaram para a reunião familiar que havíamos retardado por causa de minha ida ao hospital. Conversamos e cantamos, lemos as Escrituras e depois, tendo feito um jejum especial, ajoelhamo-nos para, juntos, buscar fervorosamente o Senhor, a fim de que abençoasse aquele nosso ente querido que tanto necessitava da sua ajuda.

Era minha intenção falar-lhes de minhas convicções a respeito do casamento e dos relacionamentos que a ele conduzem, do caráter e das qualidades vitais para ele, e do amor imprescindível para torná-lo aquilo que Deus e nós imaginamos. As experiências no quarto do hospital e na minha própria reunião familiar são tão importantemente relacionadas com esse assunto, que quero prestar-lhes meu testemunho acerca desses dois temas e sua analogia. Neste instante, pergunto a mim mesmo se vocês que lêem estas minhas palavras, também estão começando a perceber a conexão: o que tem a experiência no hospital e a reunião familiar que ver com o nosso amor, ou (se vocês já são casados) com o nosso casamento? Deixem-me explicar.

Quando a mocidade começa a pensar no amor que leva ao casamento ou a senti-lo, deve também estar pensando — e pensando com certa profundidade — em seu futuro lar e família. Casamento significa **algum tipo** de lar e **algum tipo** de família. Um **bom** casamento significa um **bom** lar e uma família **feliz.**

A mensagem que tão avidamente desejo comunicar-lhes é que um casamento assim é de suprema importância (seria difícil imaginar decisão mais significativa), e que não acontece por si só; é obra de duas pessoas maduras que realmente almejam um casamento feliz, que estão dispostas e são capazes de aprender como construir um casamento desses e se empenham nesse sentido. O casamento, como vêem, é um empreendimento para adultos. Algumas pessoas já engajadas em tal empresa, contudo, ainda não atingiram essa categoria. Estas, e todos os outros que realmente planejam uma verdadeira felicidade matrimonial, têm que procurar conhecer os princípios envolvidos e depois aplicá-los, se querem ver seus sonhos realizados.

Existe, naturalmente, aquele "certo quê" atraindo duas pessoas, tenham elas vindo de mundos completamente diferentes ou de duas casas vizinhas. Essa "atração" é um elemento sumamente importante no amor, um elemento belo, doce e divino, mas nem por isso resume o inteiro sentido do amor. É como uma flor linda e gentil, que precisa ser cuidada e cultivada num jardim de qualidades como: respeito, lealdade, consideração, sensibilidade, responsabilidade e amadurecimento. E estas devem ser nutridas pelo firme vínculo da amizade — uma amizade que desconhece atitudes egocêntricas e focaliza os interesses de ambos na união matrimonial, supremamente importante para eles e sem o que não poderá haver felicidade para nenhum dos dois.

Daniel Webster[1] falava de liberdade e união, um ideal político que tem aplicação direta no casamento. Quando dois ótimos jovens são motivados pelo amor a cogitar em casamento, um lar e uma família; quando se associam na amizade e namoro que eventualmente conduzirão a estas bênçãos sagradas, precisam pensar em liberdade e união. Abraão Lincoln entendia esta combinação com respeito ao povo, ao país. Sabia que não poderia haver verdadeira liberdade, sem que a união fosse preservada e fortalecida.

O mesmo se dá com o casamento. Na peça de Ibsen[2], **Casa das Bonecas,** existe um díalogo entre marido e mulher que ilustra a posição da liberdade na união do casamento. O marido declara à mulher que "acima



de tudo tu és esposa e mãe", ao que esta responde: "Creio que, antes de tudo, sou um ser humano."

O casamento é um companheirismo no qual cada um se empenha em prover um clima de alegria, consideração e compassividade, no qual o outro possa viver e crescer.

É uma amizade que se desvencilha da palha e fica com o grão; que diz "eu te aceito como pessoa única que és, e eu te amo e respeito por tua personalidade, e eu te protegerei e escutarei o que tens a dizer."

O casamento é um caso de amor destinado a crescer continuamente, passando de estar apaixonado para amar, criar e sustentar de todas as maneiras possíveis.

É uma ordenança ligando dois filhos de Deus, que se unem na forma ordenada por ele e que, fortalecidos pela graça divina na medida em que a buscam e pedem, honram as sagradas promessas que fizeram a Deus e um ao outro, sob quaisquer condições de tensão ou vicissitude.

A experiência vivida naquele quarto de hospital e a tristeza, a dor e a doçura que nele havia, são parte do que compõe o casamento. Procurem visualizar o quadro inteiro — amor, lar, família. Preparem-se para todos os três. Busquem encontrar e desenvolver um amor que ouve pacientemente, dá livremente, perdoa generosamente. Aprendam o que significa "controlar todas as suas paixões, para poder ficar cheios de amor." O verdadeiro amor interessa-se pela pessoa inteira, pela vida inteira e pelo futuro do outro. Acreditem-me, a maior riqueza da vida está, como disse um grande homem, "oculta sob o chão do nosso próprio lar". Creiam que, como nos ensinou alguém, "no lar, na família e no amor, encontram-se os recursos espirituais que preenchem a vida do indivíduo e a vida da casa e da comunidade, na verdade os recursos que poderiam redimir nosso mundo conturbado e trazer-lhe uma paz duradoura."

Preparem-se para esse tipo de casamento, lar e família e coloquem-no em prática.

Nada é mais importante do que ser esposa e mãe, mas nenhuma mulher poderá sê-lo, se não for considerada e tratada como ser humano por seu bem-amado. A personalidade, individualidade e unicidade de cada um dos parceiros matrimoniais têm que ser aceitas, protegidas e preservadas para haver felicidade; mas essa liberdade deve ser gozada no espírito de um profundo compromisso para com a solidez da união, do casamento, e não primeiramente com espírito de interesse e satisfação próprios. Alguém comparou os parceiros matrimoniais às cordas de um alaúde — feitas de materiais diferentes, submetidas a tensões diferentes e soando em tons diferentes, e no entanto, produzindo juntas um acorde harmônico. O amor que leva a um casamento feliz e a uma boa família achará cada parceiro capaz de total comprometimento nessa relação de vida extremamente íntima e estreita, embora preservando paralelamente o direito e a necessidade de cada um ser e continuar sendo uma pessoa, querida, protegida e apreciada em sua própria maneira de ser.

Por isso, estejam onde estiverem nessa questão de casamento — a anos de distância, bem próximos, ou dentro dele — sejam sábios, sejam cuidadosos nas decisões, nos preparativos, nas orações, pois que este é o compromisso mais íntimo e mais total que se assume nesta vida. Estar amando conduz ao casamento, e casamento significa lar e família. Para nós, é um convênio eterno que envolve promessas que nos ligam infinitamente. O casamento no templo é mais que a experiência de passar por ele, que a cerimônia sagrada e a autoridade pela qual é celebrado, e as maravilhosas promessas que são seladas sobre nós. Envolve nossa atitude para com o casamento, nosso preparo para ele, nossa dignidade de assumi-lo e nossa capacidade de aprender e amadurecer dentro dele.

Tudo isto demanda uma preparação e escolha fundadas em profunda e piedosa consideração.

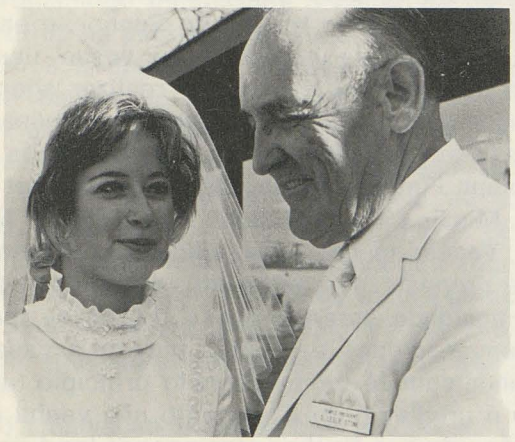
O casamento é uma sociedade na qual cada parte aceita grandes responsabilidades, bem como privilégios.

---

1. **Daniel Webster — Estadista e orador norte-americano, 1782-1852.**
2. **Henrik Johan Ibsen — Poeta e dramaturgo norueguês, 1828-1906.**

As respostas visam esclarecer e dar perspectivas; não são pronunciamentos doutrinários da Igreja.

P&R



"É verdade que para ser eternizado, o casamento do templo precisa antes ser selado pelo Santo Espírito da promessa? Quem pode fazer esse selamento?"

Todo casamento para o tempo e toda a eternidade, celebrado no templo, é selado pelo Santo Espírito da promessa, se contraído dignamente. O selamento por este Espírito não é restrito aos casamentos, mas aplica-se também a toda e qualquer ordenança realizada pelo Sacerdócio.

Os casamentos no templo só podem ser celebrados por alguém que tenha recebido a autoridade seladora do profeta ou presidente da Igreja, ou de quem tenha recebido as chaves para conferir essa autoridade. A autoridade ou poder selador é limitado ao templo, para o qual os ministrantes são designados, exceto para as autoridades gerais.

E o que quer dizer Santo Espírito da promessa? Simplesmente que todo selamento realizado da maneira prescrita por quem possua autoridade, conta com o "Selo de Aprovação" e a promessa de nosso Pai Celestial — condicionado somente à fidelidade do indivíduo recebedor da bênção.

"Eis que ele somente requer que guardes seus mandamentos..." (Mosíah 2:22).

"Eu, o Senhor, estou obrigado quando fazeis o que eu digo; mas quando não o fazeis, não tendes promessa nenhuma." (D&C 82:10).

"Pois todos os que receberem uma bênção de minhas mãos, obedecerão à lei e às condições que, desde antes da fundação do mundo, foram instituídas para o recebimento daquelas bênçãos." (D&C 132:5).

Diz o Presidente Joseph Fielding Smith: "Vou explicar a expressão 'selado pelo Santo Espírito da promessa'. Isto não se aplica somente ao **casamento para o tempo e toda a eternidade** mas também a **toda e qualquer ordenança e bênção do Evangelho.** O batismo na Igreja é selado por esse Espírito, da mesma forma que a confirmação, a ordenação e as demais ordenanças, inclusive o casamento no templo.

O significado desta expressão é: **Todo convênio, contrato, vínculo, obrigação, juramento, voto e realização que o homem recebe através dos convênios e bênçãos do Evangelho, é selado pelo Santo Espírito com uma promessa. E esta promessa é que a bênção será obtida, se aqueles que a buscam, forem fiéis e constantes até o fim. Senão forem fiéis, o Santo Espírito retirará a bênção, e a promessa deixa de existir." (Doctrines of Salvation/** Bookcraft, 1957/vol. 2, p. 94).

O Senhor sempre cumpre suas promessas! Todo selamento leva sua promessa de que receberemos as bênçãos, se fizermos a nossa parte e honrarmos os convênios feitos com ele; do contrário, não.

Leslie Stone
Presidente do Templo de Salt Lake.

"A moça deve ficar preocupada com a possibilidade de não casar?"



Não. Preocupar-se não resolve o problema e tampouco é uma atividade agradável.

É natural que toda jovem SUD, sabendo que o casamento e a maternidade são ordenados por Deus, e que a unidade familiar pode subsistir por toda a eternidade, acalente a esperança de um casamento feliz nesta vida. E deverá continuar fazendo. Contudo, também deve ter em mente que a idade habitual para casar difere muito de um país para outro e de sociedade para sociedade, e até mesmo entre famílias. Por isso, seria impossível estabelecer uma idade cronológica de aplicação universal para o casamento.

Na sociedade norte-americana, por exemplo, há inúmeros indivíduos que se casam antes da idade adulta, e amadurecendo juntos, constroem um casamento sensato e feliz. Por outro lado, numerosos casamentos tardios são excepcionalmente bem sucedidos e serão eternamente compensadores. A cerimônia matrimonial em si não é garantia de felicidade e realização pessoal. Esta verdade é confirmada pelos registros de divórcios nos tribunais.

Toda moça deveria estar permanentemente engajada em atividades construtivas que lhe possibilitarão tornar-se uma pessoa feliz e realizada. Isto será o resultado de uma vida pautada pelos ensinamentos e ideais do Evangelho. Se possível, deve adquirir instrução profissional específica, inclusive de prendas domésticas. Deve ainda, na medida do possível, participar de atividades que lhe forneçam oportunidade de encetar novas amizades e conhecer homens elegíveis e agradáveis.

Ela deve compreender que a mulher verdadeiramente feliz é aquela que encara a vida como uma experiência de valor e que conhece a alegria do serviço abnegado em favor do próximo.

A mulher solteira não deveria inquietar-se tanto com sua idade, mas sim preocupar-se muito com a qualidade de sua vida pessoal.

Nossos líderes dão-nos este conselho:

"... Vós, boas irmãs, que sois solteiras e sós, não temais que vos sejam negadas quaisquer bênçãos. Não tendes nenhuma obrigação ou necessidade de aceitar uma proposta que vos desagrade por medo de que serão condenadas. Se sentis no coração que o Evangelho é verdadeiro e, em condições propícias, aceitaríeis receber essas ordenanças e bênçãos seladoras no templo do Senhor, e esta é vossa fé, vossa esperança e vosso desejo, mas que não vos é possível realizar agora, o Senhor o remediará e vós sereis abençoadas, pois nenhuma bênção vos será negada..." (Joseph Fielding Smith, **Elijah the Prophet and His Mission**/Deseret Book Co., 1957/p. 51).

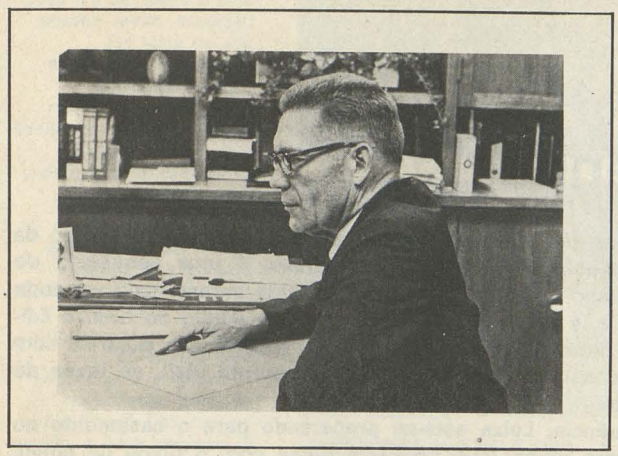
Vocês, moças, que ainda não aceitaram uma proposta de casamento, apesar dos anos da mocidade estarem quase findos, se mantiverem-se dignas e prontas para ir à casa do Senhor com fé neste sagrado princípio, ainda que o privilégio do casamento não venha para vocês agora, o Senhor recompensá-las-á no devido tempo, e nenhuma bênção lhes será negada. Vocês não têm obrigação de aceitar uma proposta de um ser que lhes seja indigno, apenas por recear perder suas bênçãos." (Harold B. Lee, **A Juventude e a Igreja,** p. 132).

Alberta H. Christensen
Membro da Junta Geral da Sociedade de Socorro.

"O que é Salvação?"

Salvação é exaltação. Eis a essência e substância de todo o assunto.

Salvação é vida eterna. É uma herança na mais alta esfera do mundo celestial, o único lugar onde perdura a unidade familiar. Consiste na continuação da unidade familiar para sempre, em gloriosa exaltação do reino de Deus. Constitui-se na plenitude de glória do Pai e de uma continuação das sementes para todo o sempre. Não é um estado menor ou inferior ao reservado para aqueles que se tornam como Deus. É divindade.



Conheço apenas três lugares em todas as revelações nas quais salvação é definida a significar algo menos que a plenitude de glória eterna na presença do Pai e do Filho. Esses casos, e a aplicação limitada do termo, nos foram dados, para que tenhamos uma visão geral do inteiro plano de salvação. Todas as demais passagens das Escrituras usam salvação como sinônimo de vida eterna ou exaltação, para manter diante de nossos olhos as sublimes recompensas prometidas àqueles que amam e servem a Deus de todo o coração.

Embora salvação signifique vida eterna, temos aplicações especiais como as que seguem.

1. **Salvação incondicional ou geral.**

Esta salvação é a imortalidade; quer dizer, ser ressuscitado e ir para um dos reinos de glória. Significa ser salvo da morte, do inferno, do demônio e tormento eterno. E é obtida por todos os homens, com exceção dos filhos da perdição.

2. **Salvação condicional ou individual.**

Às vezes, é usado no sentido de salvação no reino celestial, reservada aos que obedecerem às leis e ordenanças do Evangelho, embora no sentido exato, seja limitado, aos que obtêm exaltação na esfera mais elevada no mundo celestial.

3. **Salvação pela graça somente.**

É o mesmo que salvação incondicional ou geral; o termo acrescentado quer dizer que esta salvação se dá pela graça de Deus, não havendo necessidade de obediência ao Evangelho, isto é, resulta do amor, misericórdia e condescendência de Deus.

4. **Salvação pela graça conjugada à obediência.**

Todos os homens são levantados em imortalidade pela graça de Deus; e aqueles que crêem e obedecem a suas leis, são levantados também para a vida eterna.

5. **Salvação celestial, terrestrial ou telestial.**

Estas se referem às heranças nestes respectivos reinos de glória.

No entanto, quando as Escrituras falam de salvação, exceto raríssimas exceções, é no sentido de salvação plena, de vida eterna ou exaltação; e todos estes termos são completa, total e inteiramente sinônimos.

Vida eterna é o nome do tipo de vida vivida por Deus. Daí, as afirmações reveladas: "... a vida eterna... é o maior de todos os dons de Deus" (D&C 14:7) e "... não há dom maior do que o da salvação" (D&C 6:13), pois não existe nada maior que Deus e a vida que ele vive.

Exaltação é uma herança no céu mais elevado do mundo celestial, no qual perdura a unidade familiar, e onde aqueles que o atingem recebem a plenitude de glória do Pai e a continuação da semente para todo o sempre. (Vejam D&C 132:19-24).

Joseph Smith definiu salvação, dizendo: "Salvação consiste na glória, autoridade, majestade, poder e domínio que Jeová possui e em nada mais; e ser algum pode possuí-la, senão ele próprio ou alguém igual a ele."

Falando da natureza da salvação, o Profeta ensinou que é ser "igual" a Cristo, e ele (Cristo) era como o Pai, o grande protótipo de todos os seres salvos; e para qualquer porção da família, humana, assimilar-se, sua semelhança, é ser salvo; e ser diferente deles, é ser destruído; e é nesse gonzo que gira a porta da salvação." **(Lectures on Faith,** pp. 63-67).

Estes ensinamentos de Joseph Smith são semelhantes em conteúdo ao pronunciamento do Livro de Mórmon, no qual o Senhor ressurrecto diz dos seres salvos: "... sereis como eu, e eu sou como o Pai; e o Pai e eu somos um" (3 Néfi 28:10).

Assim pois, no sentido pleno, verdadeiro e exato da palavra, salvação, vida eterna e exaltação são uma coisa só — significam ir para onde está Deus e ser igual a ele!

Presidente Bruce R. McConkie
Do Primeiro Conselho dos Setenta.

Na Casa do Senhor

O que segue foi tirado de um filme produzido sob a direção da Primeira Presidência e o Conselho dos Doze. É uma sequência do filme Para o Tempo e a Eternidade **que tem sido apresentado por toda a parte na Igreja, e pode ser solicitado por intermédio do Centro Editorial. Naquele filme, Luiza uma jovem SUD, resolve não casar-se com o noivo, quando este se decide por um casamento civil, ao invés de casar no templo.**

Nesta sequência, Luiza está-se preparando para o casamento no templo com outro rapaz. Pela conversa deles com o bispo do noivo, somos informados a respeito das bênçãos que receberão por terem escolhido o casamento à maneira do Senhor. (Direito autoral da Primeira Presidência d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Produzido pelo Departamento Cinematográfico da Universidade de Brigham Young.)



1. Congratulações, Rui! Sinto-me tão feliz por você e Luiza.



2. Nós também estamos muito contentes, bispo. Agora que fui entrevistado pelo senhor, e Luiza pelo bispo dela, gostaríamos de conversar com o senhor sobre nossa ida ao templo.



3. A decisão de casar é, sem dúvida, uma das mais importantes que vocês tomarão nesta vida. Estou certo de que andam bastante atarefados com os preparativos para o casamento. Mas, por mais importantes que pareçam essas providências materiais, não chegam nem aos pés da preparação espiritual para um casamento para a eternidade.

4. Cada um de vocês é uma pessoa muito especial. Em vista de sua atuação na existência pré-mortal, vocês realmente ganharam o direito de nascerem nesta dispensação, em que podem ter o Evangelho.

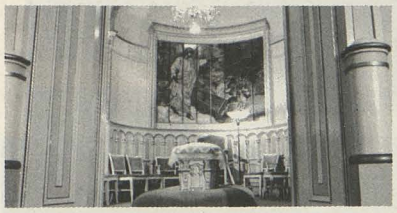


5. É muito importante que vocês entendam que a família é a unidade fundamental no plano do Evangelho. A Igreja inteira está centralizada na família para beneficiar e promovê-la, tanto nesta como na vida futura. Casar-se no templo e viver segundo o Evangelho é o caminho do Senhor para concretizar esta união familiar.





6. A maior parte das ordenanças da Igreja podem ser realizadas em qualquer lugar, por quem tenha a devida autoridade. Mas algumas são tão sagradas, que são celebradas em templos.



7. Os casamentos celebrados nas salas de selamento do templo são ordenanças salvadoras, exatamente como o batismo.



8. E vocês sabem como o batismo é importante. O Salvador, tanto por exemplos como por preceitos, ensinou-nos que temos que observar as ordenanças salvadoras — que não basta apenas sermos justos.

9. Quando estiverem no templo, receberão instruções e aprenderão os fatos importantes da nossa jornada eterna.



10. Aprenderão a respeito da criação do mundo,



11. e de como nossos primeiros pais foram colocados no Jardim do Éden.



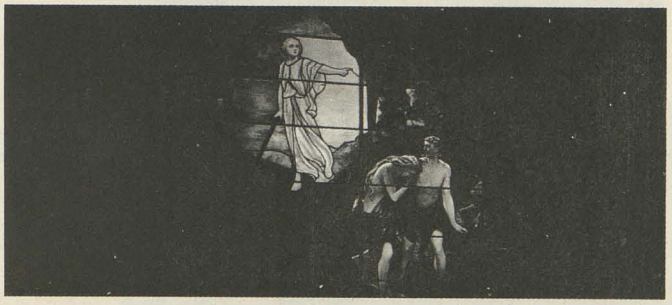




12. Verão como Satanás tentou Adão e Eva,



13. e como foram expulsos do jardim e da presença de Deus, para este nosso mundo com sua oposição em todas as coisas.



14. Aqui, eles vieram a conhecer as alegrias, bem como as agruras da vida.

15. Depois que Adão e Eva foram expulsos do Jardim do Éden e colocados neste mundo em que agora vivemos,



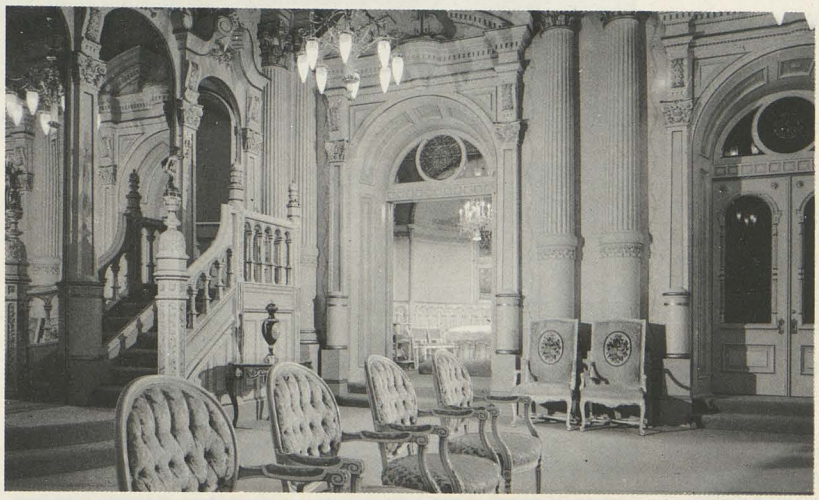
16. foi-lhes ensinado o Evangelho e entraram em convênios de obediência com Deus, exatamente como vocês farão no templo. A maneira como cumprimos esses convênios determina o tipo de vida que gozaremos após esta nossa experiência mortal.



17. Vocês dois foram ensinados que no mundo eterno há reinos de glória. Vocês herdarão um deles, dependendo da sua atuação nesta vida.



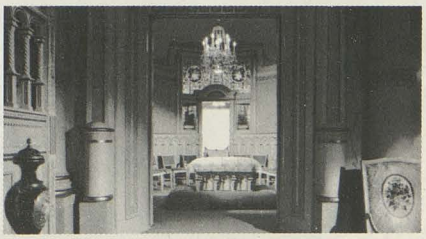
18. O objetivo do Evangelho e o propósito do casamento no templo não são unicamente manter-nos unidos, mas também tornar-nos elegíveis para a mais alta recompensa do Pai Celestial para nós, a exaltação no reino celestial. Este reino é simbolizado pela sala celestial.



19. A exaltação no reino celestial é importante, porque somente ali podemos continuar desfrutando os vínculos familiares estabelecidos aqui na terra. É a parte de nossa jornada eterna que o Evangelho prepara para nós.



20. O casamento de vocês no templo será um convênio recíproco e com o Pai Celeste, pois prometerão ser fiéis a ele, bem como conservarem mútua fidelidade como marido e mulher.



21. Quando estiverem ajoelhados junto ao altar do templo, vocês serão selados pelo poder do santo Sacerdócio, podendo assim esse seu matrimônio tornar-se uma união eterna que sobreviverá à morte.



22. Esse poder liga as esposas aos maridos, e os filhos aos pais, em uma união feliz que durará para sempre. A parte maravilhosa desse plano é que, além de continuarem juntos, partilharão um amor que estará em contínuo desenvolvimento.



23. Na seção 132 de Doutrina e Convênios, o Senhor disse-nos que não poderemos alcançar o mais alto grau de glória no reino celestial, sem sermos casados para a eternidade. Ele também deixa claro quanto ao que acontecerá àqueles que nunca receberam as bênçãos de um casamento no templo nesta vida, ou por intermédio do trabalho vicário de outra pessoa no templo. Disse o Senhor:



24. "Portanto, se um homem tomar para si uma esposa no mundo, e não for casado por mim nem por minha palavra, e se comprometerem-se para esta vida mutuamente, o seu convênio e casamento não serão válidos, quando morrerem, e quando estiverem fora do mundo; portanto, não estarão ligados por lei alguma, quando não estiverem neste mundo.

25. "Portanto, quando estiverem fora deste mundo, não se casam nem são dados em casamento, mas são designados anjos nos céus, servos ministradores para ministrar por aqueles que são dignos de uma maior, suprema e eterna medida de glória."
(D&C 132:15-16)



26. Assim pois, lembrem-se, à medida que progredirem juntos, de procurar as boas coisas na vida. Tratem-se um ao outro com a bondade e respeito que merecem como filhos do Pai Celestial, e o amor de vocês continuará a crescer. Essa união eterna é uma parte importante de seu preparativo para a exaltação no reino celestial. Nesta vida, ela lhes dará o fundamento para felicidade e compreensão, aprofundará seu amor e tornará mais bela a vida doméstica de vocês, enquanto juntos constroem o futuro aqui na terra.



CQED

Coisas que eles Dizem

Dr. Spencer J. Condie professor assistente de Sociologia da Universidade de Brigham Young.

Miopia Utópica

Uma das mais fascinantes experiências no campo da psicologia animal foi feita com um chimpanzé. Este foi colocado num cômodo em que havia uma penca de bananas. Quando começou a juntar-lhe água na boca ao contemplar o iminente festim, colocaram uma caixa sobre as bananas, e o levaram para um cômodo adjacente por curto espaço de tempo. Durante a ausência do chimpanzé, o pesquisador substituiu as bananas por uma cabeça de alface que novamente ocultou com a caixa. Quando o animal retornou, correu prestamente para junto da iguaria e retirou a caixa. Para sua grande surpresa e desaponto, encontrou a alface em lugar das esperadas bananas. Então ficou tão transtornado pelo desapontamento, que soltou um grito de gelar o sangue e pôs-se a despedaçar a verdura e depois pisoteá-la, até deixá-la totalmente imprestável para comer. Agora, o ponto interessante é que os chimpanzés apreciam a alface quase tanto quanto bananas. De fato, quando lhes é dado escolher entre as duas alternativas, o chimpanzé comum tanto pode preferir uma como a outra. Assim sendo, a única razão de fato pela qual o animal rejeitou a alface, foi o desejo aguçado pelas bananas.

Uma porção de gente se parece com esse chimpanzé. Rejeita o belo mundo em que vive, por não ser o mundo perfeito que almeja. Em suma, sofre de "miopia utópica". (John Levy e Ruth Munroe, **The Happy Family** / New York: Ruth Munroe Levy, 1938/pp. 179-80)



Kaye Lynne Pugh, na conferência da Estaca Holladay (Utah) South, poucos meses antes de sua morte acidental.

Recentemente, conheci um rapaz que acabava de voltar da missão e estudava novamente na Universidade de Utah; certo dia, em conversa, ele contou-me uma experiência que teve ao receber o chamado para a missão.

Randy fora chamado para uma das missões alemãs e achou que a melhor maneira de aprender a língua seria ler o Livro de Mórmon em alemão. Então, comprou um dicionário e um Livro de Mórmon em alemão e começou por I Néfi.

Foi um bocado duro no início — nunca vira uma palavra de alemão em toda a sua vida, sendo obrigado a procurar no dicionário praticamente palavra por palavra. Depois, pouco a pouco, as palavras tornaram-se mais familiares, chegando ao ponto de quase não precisar recorrer ao dicionário até chegar às Palavras de Mórmon. Ali, de repente, viu-se na mesma situação inicial; não conseguia entender coisa alguma. Mudara o autor e este usava um vocabulário diferente do empregado por Néfi.

Randy contou-me que aconteceu o mesmo toda vez que encontrava um novo autor no Livro de Mórmon. Disse que isto fortificou sobremaneira seu testemunho, pois convenceu-se de todo que Joseph Smith não poderia ter escrito esse livro, mas o traduzira dos escritos de diversos autores pelo poder de nosso Pai Celestial.



Lila Chadwick, na formatura do Seminário, nas Estacas Twin Falls e Twin Falls West, de Idaho.

"E agora, depois dos muitos testemunhos que se prestaram dele, este é o testemunho último de todos, que nós damos dele: que ele vive!

"Pois vimo-lo, mesmo à direita de Deus; e ouvimos a voz testificando que ele é o Unigênito do Pai —" (D&C 76:22-23)

Este é o testemunho que Joseph Smith e Sidney Rigdon prestaram ao mundo. Que bênção maravilhosa seria saber com a mesma segurança e certeza deles que Jesus é o nosso Salvador vivente! E nós podemos tê-la. Poucos de nós verão, como eles, que Cristo vive; a maioria terá que obter esse nosso conhecimento pela sensibilidade — sentindo a sua presença da mesma forma como sentimos o vento invisível.

O testemunho de que Jesus vive é o maior dom que uma pessoa pode receber. É nossa principal responsabilidade e dever mais importante conseguir tal testemunho, porque é somente através dele que podemos receber as bênçãos como o Sacerdócio, o batismo, o dom do Espírito Santo, o "endowment" (investidura) e o casamento no templo.

O testemunho de que Cristo vive é a maior riqueza que um homem pode possuir. Tenho um amigo que deseja obter um testemunho. Quer estar tão seguro e certo quanto Joseph Smith e Sidney Rigdon. Ele gostaria de **saber** que o Redentor dele vive, mas procura o testemunho na direção errada. Um dia, escutei-o dizer: "Prove-me cientificamente que Jesus vive e eu me filiarei à sua igreja."

Bem, tentar provar uma coisa dessas cientificamente é como procurar pesar cereais com uma régua. Simplesmente não pode ser feito dessa maneira.



A Vitalidade do Amor

Presidente Milton R. Hunter

Do Primeiro Conselho dos Setenta



Caros irmãos e irmãs: Rogo humildemente que o Espírito de Deus me dirija no que vou dizer hoje.

O maligno está concentrando todas as suas forças, a fim de promover discórdias, pecados e sofrimentos entre a raça humana. Estas calamidades poderão ser prevenidas na medida em que o povo viver o princípio básico do Evangelho de Jesus Cristo, que é o amor.

Certa ocasião, um doutor da lei fez uma pergunta a Jesus "para o experimentar, dizendo:

"Mestre, qual é o grande mandamento na lei?

"E Jesus disse-lhe: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento.

"Este é o primeiro e grande mandamento.

"E o segundo semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo.

"Destes dois mandamentos depende toda a lei e os profetas." (Mateus 22:35:40).

Nos dias de nosso Salvador, as Escrituras hebraicas eram organizadas em divisões.

Os cinco primeiros livros eram chamados de a Lei. Outro grupo era conhecido como os Profetas. Assim, respondendo ao doutor da lei, o Mestre citou Deuteronômio e Levítico, dois dos livros da lei hebraica, declarando, portanto, que as duas grandes leis do amor eram a base de todos os ensinamentos religiosos das Escrituras hebraicas.

Desde que o primeiro grande mandamento é amar o Senhor nosso Deus, como podemos demonstrar esse amor por ele? Em nossas orações ao Pai, feitas em nome do Filho, e também pelo culto que prestamos a estes Seres divinos. Porém, Jesus também nos disse: "Se me amardes, guardareis os meus mandamentos." (João 14:15). Em outras palavras: Devemos viver "de toda a palavra que sai da boca de Deus." (D&C 84:44).

Nosso Pai Eterno e seu Filho Unigênito, ambos têm um amor intenso, compreensivo e total por nós. Possuem inteligência e entendimento imensamente superiores aos nossos, e assim seus sentimentos de amor alcançam muito além da nossa capacidade de amar. O atributo do amor está tão altamente desenvolvido nestes Seres divinos, que as Escrituras testificam: "Deus é caridade", isto é, amor. (I João 4:16). Na verdade, a transcendência do amor divino está acima e além de nossos mais profundos sentimentos e mais aguda concepção. Nos momentos de grande espiritualidade, quando sentimos uma abundância do Espírito, temos uma melhor percepção da magnitude do amor de Deus.

Deus é o Pai de nossos espíritos. Colocou-nos nesta terra e providenciou um plano de salvação evangélico através de seu Filho Unigênito, possibilitando, assim, nosso retorno à sua presença e a obtenção de vida eterna ou exaltação. Aqueles que atingirem esta gloriosa condição, podem experimentar a docura do amor, que ultrapassa nosso atual entendimento.

"... Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho Unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna." (João 3:16).

Também Jesus Cristo amou-nos a tal ponto, que espontaneamente entregou sua vida por nós e derramou seu sangue pelos nossos pecados, e também para efetuar uma ressurreição universal. "Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a sua vida pelos seus amigos." (João 15:13).

Em toda família humana, não encontramos outro exemplo em que o princípio do amor foi demonstrado com tal perfeição como na vida de Jesus na Palestina e em seu ministério entre os nefitas, após sua ressurreição. Ele curou os enfermos, levantou os mortos, restaurou a vista aos cegos e a audição aos surdos, e limpou os acometidos da lepra. Sua alma estava cheia, de compaixão pelos pobres e os que sofriam quaisquer aflições, elevando-os espiritualmente com sua profunda capacidade de compreensão.

Um belo exemplo do amor e compaixão de Cristo é dado no Livro de Mórmon, quando ele abençoou as criancinhas.

"E depois de ter dito estas palavras, chorou, e a multidão testificou disso; e tomou das criancinhas, uma a uma, abençoou-as e rogou por elas ao Pai.

"E depois de ter feito isso, chorou de novo;

"E, dirigindo-se à multidão, disse: Olhai para vossas criancinhas.

"E, ao levantar a vista, dirigiram o olhar ao céu; e viram que se abriam os céus e deles desciam anjos que pareciam estar no meio do fogo; e os anjos desceram e circundaram aqueles pequeninos e eles foram rodeados por fogo e anjos lhes ministraram." (3 Néfi 17:21-24).

Um magnífico exemplo do grande amor de Cristo foi quando estava pendendo da cruz, em extrema agonia. Já às portas da morte, Jesus orou: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem." (Lucas 23:34).

O tema central e a enorme força dinâmica do Evangelho de Jesus Cristo é o amor. O Salvador ensinou aos seus apóstolos:

"Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis.

"Nisto todos conhecerão que sois meus

discípulos, se vos amardes uns aos outros." (João 13:34-35).

Cristo declarou que o segundo grande mandamento é amar nosso próximo como a nós mesmos. O Grande Mestre sabia que a natureza humana é egocêntrica. Por isso, para sermos bons cristãos, devemos amar os outros como a nós próprios. Se amássemos nossos semelhantes tanto quanto a nossa pessoa, todos os nossos contatos com eles seriam de doçura, caridade e nobreza. Todas as nossas ações seriam temperadas pelo amor. Jesus também ensinou:

"Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem.

"Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus." (Mateus 5:44, 48).

Qual deveria ser o relacionamento entre marido e mulher, especialmente se forem santos dos últimos dias?

Marido e mulher sempre deveriam ser gentis e bondosos um para o outro. Nenhum dos dois jamais deveria dizer ou fazer qualquer coisa que pudesse ferir os sentimentos do outro. Demonstrações de profundo amor e afeição deveriam ser uma constante. Ambos deveriam estar sempre empenhados conscientemente em fazer o possível para dar alegria e felicidade à vida do outro. O marido deve demonstrar e expressar apreciação pelas realizações da esposa, e esta também pelas dele. Devemos estar sempre procurando meios de edificarmo-nos um ao outro, e tornar o outro feliz. Nenhum marido ou mulher deveria deixar passar um único dia sem dar mostras de seu amor pelo companheiro. Não devemos presumir que nosso cônjuge sabe disso, e que é desnecessário expressá-lo. Certa vez, tive a honra da companhia do Presidente Joseph Fielding Smith e de sua querida esposa Jessie numa conferência, para a qual eu fora designado. Em seu discurso, a Irmã Smith disse: "Nunca deixo passar um dia sem dizer ao meu marido que o amo, ele também não deixa de dizer-me todos os dias."

Nessas condições, as bênçãos de Deus derramar-se-ão dos céus sobre o casal, particularmente sobre os casados pelo poder do Sacerdócio na casa do Senhor. O poder do alto ligará o amor e o casamento desses casais para a eternidade.

O Presidente David O. McKay, sempre defensor do amor e da harmonia no lar, declarou: "Os lares se fazem permanentes através do amor." **Pathways to Happiness**/Bookcraft/, p. 114).

"Aprendam o valor do auto-domínio. A gente nunca se arrepende da palavra que foi proferida. Creio que a falta de auto-domínio é um dos fatores mais comuns para a infelicidade e a discórdia. Quando vemos no outro algo de que não gostamos, é fácil condená-lo. E essa palavra condenatória provoca ressentimento. Mas, se refrearmos a língua, em poucos instantes tudo será paz e concórdia, em vez de animosidade e má vontade. Controlar a língua é um dos principais fatores que contribuem para a concórdia no lar e, no entanto, uma qualidade que tanta gente falha em desenvolver." (Ibid. p. 120).

O amor também deveria caracterizar o centro da vida em família. Os pais devem fazer toda criança sentir constantemente que ela é muito importante dentro da família. Devem expressar seu amor pelos filhos e mostrar-lhes de todas as maneiras possíveis que lhes querem profundamente. Então o Espírito do Senhor habitará naquele lar. A família inteira estará centralizada no amor e, por conseguinte, centralizada em Deus. Os filhos, por sua vez, retribuirão o amor dos pais e procurarão agradá-los.

A meta das famílias profundamente movidas pelo amor será guardar os mandamentos do nosso Salvador em todos os detalhes, e algum dia voltar a viver na presença do Pai Eterno e de seu Filho Unigênito.

Presto meu testemunho de que o verdadeiro Evangelho de nosso Senhor foi novamente trazido à terra, e que a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é realmente a igreja do Mestre.

Em nome de Jesus Cristo, Amém.

Tolerância ao Mal

M. Dallas Burnett

É **espantoso com que facilidade** o homem é capaz de desenvolver uma tolerância ao mal. Dadas em doses pequenas, mas progressivas, ações e idéias, que idubitavelmente provêm de Satanás e eram comumente condenadas no passado, vêm-se tornando apetecíveis a mais e mais pessoas no mundo de hoje.

Vejamos duas ilustrações desse princípio. Uma delas é a aceitação quase que universal das saias reduzidíssimas. Aqueles que ousam sugerir a existência de uma implicação moral nas mini-saias são taxados de puritanos ou informados de que o mal só existe nos olhos do malicioso. E essa atitude não é incomum mesmo na Igreja. Há mulheres, moças e homens que conhecem a posição da Igreja na questão da modéstia do vestir e, no entanto, desenvolveram tal tolerância ao mal, que parecem não sentir escrúpulo algum nesse sentido.

O outro exemplo é provavelmente muito mais sério, mas diz respeito à mesma área problemática. Usando a liberdade de expressão e a necessidade de realismo como fachada, os produtores cinematográficos e de programas de televisão, e os escritores e romancistas têm soltado uma torrente de imundícies que seriam obscenidade uma década atrás, mas que agora indicam meramente nossa "mentalidade moderna e progressista".

Esse problema da obscenidade, por sinal uma questão mundial, merece cuidadosa consideração. Primeiro, não pode haver dúvidas de que qualquer material que explore o sexo e sirva de instrumento para despertar as paixões, não é consistente com os ensinamentos de Cristo. Os santos dos últimos dias que deliberadamente se envolverem com tal sorte de coisas, estão participando de uma atividade maligna. Isto já é bastante ruim por si só, além de ainda haver a possibilidade de que a influência maligna venha a produzir outros atos imorais.

Visto o Senhor ter dito que não pode "encarar o pecado com o mínimo grau de tolerância, torna-se bastante óbvio que nos estamos colocando em situação perigosa, se tivermos algo a ver com livros, filmes ou programas sujos de televisão. É simples assim. Porém, talvez não seja tão simples identificar todas as coisas impróprias, mas provavelmente em noventa e cinco por cento dos casos, não pode haver dúvidas.

Parece-nos que, para o membro da Igreja, a questão mais difícil é descobrir uma posição apropriada em relação às providências governamentais contra a pornografia e a obscenidade. Os santos dos últimos dias vivem sob grande número de governos diversos, com as mais diferentes atitudes diante da obscenidade. A maioria deles pelo menos professam garantir a liberdade de expressão, e algumas nações acham que não deve haver nenhuma restrição quanto a materiais que exploram a sexualidade.

Os Estados Unidos apresentam um exemplo de atitudes variáveis. Ainda em 1957, a Corte Suprema promulgou o princípio de que a obscenidade não está incluída nas expressões protegidas sob a Primeira Emenda da Constituição. Aparentemente, a corte não tinha plena certeza quanto ao que é obscenidade, mas, pelo menos, demonstrava oposição bastante firme.

Hoje em dia, a gente se admira com a tendência sutil mas real no mundo inteiro de não considerar nada como obsceno, ou então tornar a obscenidade uma forma válida de expressão. Isto é a crescente tolerância ao mal de que falamos no início. E ela está obtendo apoio de algumas decisões legais. Na maioria dos casos, tal apoio é baseado aparentemente no conceito de que a liberdade de expressão é mais importante do que outra coisa qualquer.

Um comediante que anos atrás abordava as condições sociais, pode ter realmente atingido o âmago de toda a questão, quando disse que os tais "sujeitos dos direitos-civis" defendem a "imundície" em nome da liberdade de palavra, quando, na realidade, o que estão defendendo é a liberdade de prazeres, que não é garantida em nenhuma constituição. Sua paródia concluía: "Sejamos francos, os livros sujos são engraçados."

A liberdade de expressão certamente é um direito inestimável. A doutrina teológica SUD a respeito do livre-arbítrio do homem não deixa dúvida de que deve haver as mais amplas condições de debate na busca da verdade.

Contudo, não nos deixemos ludibriar, adotando a opinião de que qualquer sociedade suporta liberdade absoluta e irrestrita. A liberdade só tem valor, quando existe responsabilidade. Quando alguém a exerce de modo que prejudique os outros, seria loucura permitir-lhe tal liberdade.

Os mercadores da imoralidade, e nesta categoria se incluem muitos que agora operam nos meios de comunicação comercialmente aceitáveis, são um perigo para a sociedade. Suas mercadorias, quase sempre, destinam-se a produzir lucros e não promover o debate de idéias significativas.

Existe uma diferença muito real entre a defesa de idéias más, que pode ser permitida numa sociedade democrática, e a satisfação da luxúria em forma visual e impressa.

A Segunda Oportunidade

Joseph Tilton

Jerry Andrews deixou-se cair sobre o catre no canto da barraca do seu grupo, depois de mais um dia de lutas. Aquela guerra que todos diziam estar chegando ao fim, continuava bastante real para ele. A constante vigilância exigida no serviço de escolta era de arrasar o sujeito. Como era bom simplesmente ficar esticado no catre sem ter que pensar em nada.

— Eh, Reverendo, — chamou Schmidt, seu melhor colega, e quem lhe dera o apelido. — Como é, você pretende jantar?

— Daqui a pouco. Agora estou cansado demais. Só quero ficar sossegado e descansar os olhos.

— Não vá perder o grude. Quando o Sargento Briley encerra o expediente, é p'ra valer. Primeiro vou tomar um banho.

— Passe aqui na volta. Provavelmente vou com você.

Schmidt se foi, e Jerry, fechando os olhos, pegou no sono no mesmo instante. Acordou sobressaltado. Já estava escuro lá fora. Então o Schmidt esquecera de chamá-lo para jantar. Viu o resto do grupo reunido em volta da tarimba de Carter lá no fundo da barraca.

— Ei, Reverendo, — gritou Carter. — Estava mesmo na hora de você acordar. Você está perdendo a maior.

— O que está havendo por aqui? — perguntou, andando para junto dos companheiros. Schmidt afastou-se um pouco arrumando-lhe um lugar para sentar.

— O comandante diz que, de hoje à noite em diante, acabou-se o negócio de bebidas nas barracas. Todos nós vamos ter que entregar nosso "estoque", para depois comprá-lo de volta lá na barraca que o pessoal da Companhia A está armando. Além disso, Cary acabou de saber que é pai.

— Parabéns, Papai.

— Muito obrigado, Reverendo.

— E mais, — continuou Carter, — Acabei de receber minha ordem de baixa. Vou para casa daqui a quatro dias.

— Grande, Carter!

— E assim estamos tendo uma espécie de festa tripla para comemorar. Vamos, Reverendo, tome um gole com a gente, — convidou Carter, estendendo a garrafa.

— Não, obrigado.

— Ora vamos, Reverendo! Velho, estou indo para casa em poucos dias, não vê? Acaso não é meu amigo?

— Lógico, mas...

— Nada disso. Afinal, somos ou não somos amigos?

— Você bem sabe que sim.

— Então tome um gole, meu velho. Além disso Cary é pai. Seria legal, não seria, Cary, se o Reverendo nos mostrasse que também é humano numa ocasião especial como esta?

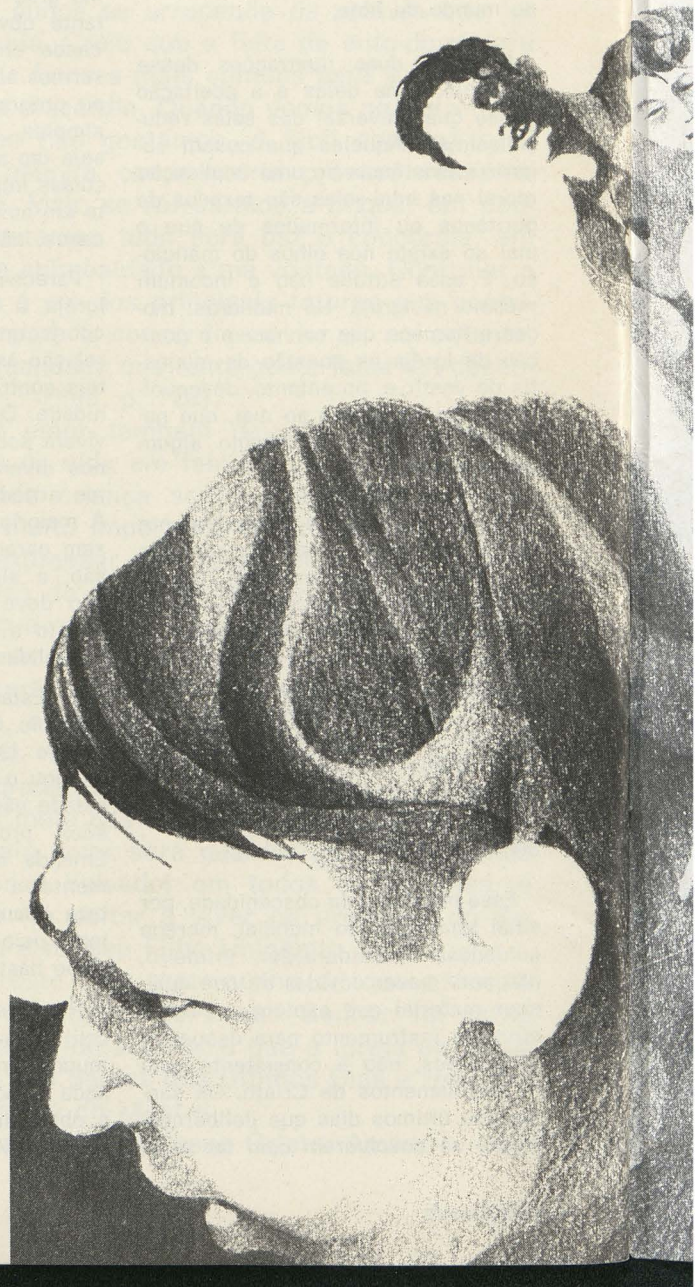
— Naturalmente que sim! Ora, vamos, Reverendo! Ninguém ganha o primeiro filho mais que uma vez.

— Não posso.

— Por quê? — indagou Carter, congratulando-se com mais um gole de garrafa, passando-a em seguida para Cary.

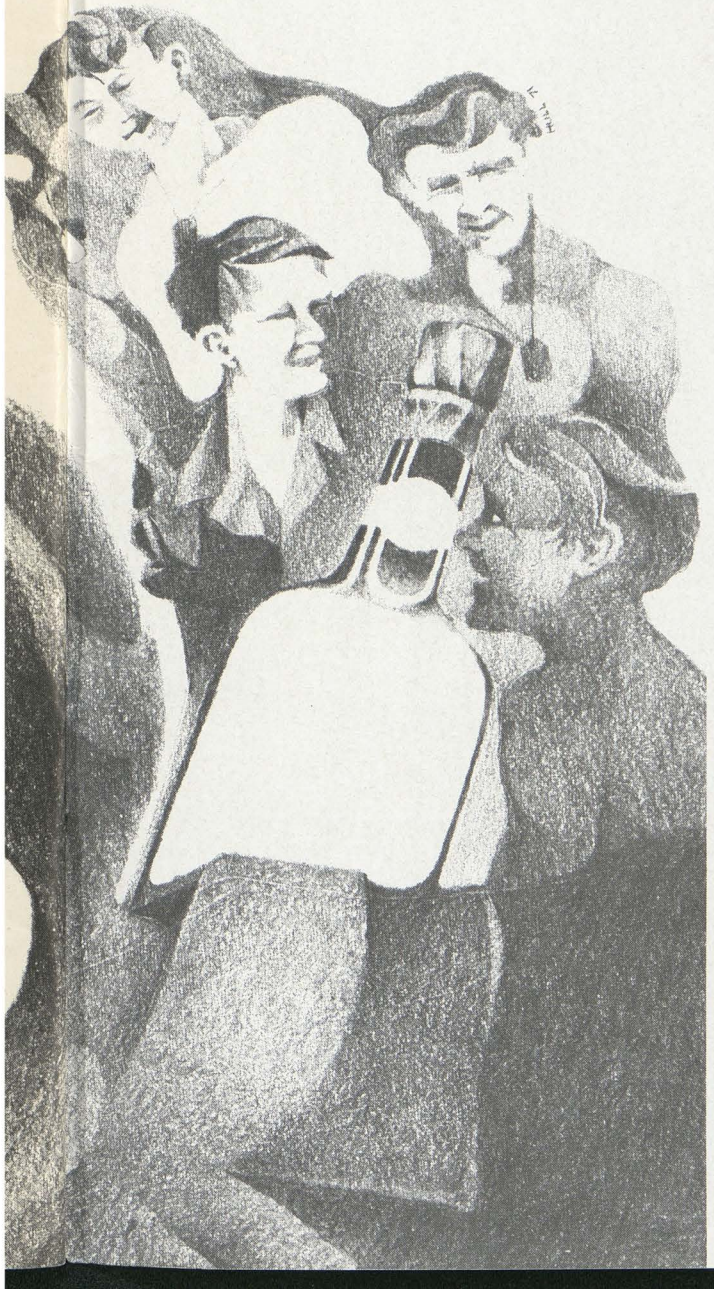
— Bem, é contra a minha religião. E, de qualquer forma, o álcool é prejudicial para o organismo.

— Deixe disso. Você dá essa resposta como pa-



pagaiando coisa tirada de uma lição de Escola Dominical. Você fala com tanto sentimento como um garotinho recitando uma poesia ou coisas assim. Um gole não pode fazer mal. Amanhã já não restará nada dele dentro do seu corpo. Você vai permitir que uma balela dessas se interponha entre amigos?

Carter mostrou a mão com o polegar e indicador um centímetro separados, dizendo:



— Você vai deixar que um tantinho assim impeça que nos mostre sua amizade?

O resto do grupo fez coro, batendo na mesma tecla. Até Schmidt, seu melhor amigo, insistia:

— Venha, Reverendo, só um golinho.

— Apenas umas gotinhas.

— Como poderia fazer mal a você

— Isso não vai arruinar sua vida. Mostre-nos que é humano.

Jerry estava em minoria de onze para um, e os onze eram seus melhores amigos no exército. Estavam juntos há cinco meses, desde a partida dos Estados Unidos. Haviam conversado sobre suas casas, famílias, namoradas, o serviço militar, confidenciando um ao outro os planos para o futuro. Compartilhavam uma unidade desconhecida na vida civil, e ele, Jerry Andrews, estava sendo um desmancha-prazeres.

De repente, a garrafa estava em suas mãos e ele a levantou. Todos os olhos estavam cravados nele e na garrafa. Jerry a emborcou e tomou pequeno gole. Ao baixá-la, o fogo parecia acompanhá-lo por dentro dele. Engasgou-se, com os olhos lacrimejando de dor. Depois notou o silêncio absoluto que reinava na barraca.

— Que diabos me levem! — falou Carter com incredulidade. — Andrews realmente tomou um trago.

— Pois é, — concordou Cary. — Afinal é igualzinho ao resto de nós.

— É uma pena, Andrews, — acrescentou Schmidt. — Cary está certo. Você não é diferente de ninguém aqui.

Jerry sentia-se doente por dentro. Levantou-se do caixote e então viu o Major Allen, o líder do seu grupo, de pé junto à entrada, a face sombria.

— Pensei que fosse diferente, Jerry. Realmente pensei.

— Mas eu sou, — este gemeu angustiado. — Por que não me dão uma segunda oportunidade? Basta fazer de conta que não aconteceu nada. Esqueçam!

— Nenhum desses camaradas consegue esquecer, Jerry. Antes, você era diferente do resto. Agora passou a ser igual, e usarão aquele seu único trago para justificar sua própria conduta. Você será a desculpa deles.

— Não! Não era esta a minha intenção! Quero que as coisas voltem ao que eram.

— Você não pode voltar, Jerry. Você terá que aceitar o fato de que só lhe resta seguir em frente.

Vamos, acorde!

Ele despertou, sobressaltado. Schmidt, com a mão ainda úmida do banho de chuveiro, sacudia seu pé esquerdo.

— Você apagou de verdade, hein, Reverendo? A fila do grude fecha em cinco minutos. Se corrermos, ainda conseguiremos chegar em tempo. Ei, por que está arreganhando tanto esses dentes? Preciso ler aquele livro que você me ofereceu. Ali fala alguma coisa de comilões como você?

